

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Departamento de Ciências Econômicas

***DER METHODENSTREIT:***  
**A BATALHA DOS MÉTODOS**

Débora Ayala Löw

**Porto Alegre**

**2008**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Departamento de Ciências Econômicas

***DER METHODENSTREIT:***  
**A BATALHA DOS MÉTODOS**

Débora Ayala Löw

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Heloisa Lenz

Monografia apresentada como parte das  
exigências para obtenção do título de  
**Bacharel em Ciências Econômica**

**Porto Alegre**

**2008**

## **Agradecimentos**

Para a realização desta monografia, obtive colaboração de diversas pessoas. Primeiramente, gostaria de agradecer a todos que de alguma forma me ajudaram na realização do trabalho.

Gostaria de agradecer, em especial, à professora Maria Heloisa Lenz por toda a sua orientação, apoio, paciência, ajuda e compreensão.

Agradeço também, com muito amor, ao meu marido Geraldo pelo apoio e pela ajuda imensuráveis, em todos os sentidos.

A Ana Maria Jahrens e a Ulrich Jahrens por enviarem da Alemanha para o Brasil os livros alemães que comprei e que foram de enorme importância para a realização deste trabalho.

Agradeço também aos professores Hélio Afonso de Aguiar Filho, Sérgio Monteiro, Eugênio Lagemann e Pedro Fonseca da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

Finalmente, agradeço aos meus pais e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Resumo

Este trabalho consiste em uma monografia sobre a Batalha dos Métodos ou *Methodenstreit*, discussão metodológica entre o economista alemão Gustav von Schmoller e o austríaco Carl Menger. O primeiro defendia o método indutivo, com análise histórica e empírica. O segundo acreditava no método dedutivo para a ciência econômica. O principal objetivo do trabalho é a investigação das metodologias defendidas por Menger e por Schmoller para a economia, das origens e dos objetivos da Batalha e dos seus resultados e influências dentro da ciência econômica.

O primeiro capítulo apresenta a questão metodológica dentro da ciência econômica. O segundo capítulo aborda a Escola Histórica Alemã, Gustav von Schmoller e suas convicções metodológicas. No terceiro capítulo, procura-se apresentar Carl Menger e sua influência na formação da Escola Austríaca. Finalmente, o quarto capítulo analisa como se desenvolveu a Batalha e apresenta algumas conseqüências que a Batalha trouxe à ciência econômica.

## Índice

Introdução .....	6
1. A questão metodológica: método indutivo e método dedutivo .....	9
2. Gustav von Schmoller e a Escola Histórica .....	13
2.1. A Escola Histórica e sua influência na economia alemã .....	13
2.2. O desenvolvimento político e econômico na Alemanha no séc. XIX .....	16
2.3. Gustav von Schmoller e seu significado para a Escola Histórica .....	19
2.4. Idéias teóricas gerais e a metodologia de Schmoller .....	23
3. Carl Menger e a formação da Escola Austríaca .....	33
3.1. Menger e sua influência na fundação da Escola Austríaca .....	33
3.2. Idéias teóricas gerais de Menger .....	35
3.3. A metodologia de Menger para a ciência econômica .....	38
4. A Batalha dos Métodos .....	45
4.1. O desenvolvimento da Batalha .....	45
4.2. Consequências que a Batalha trouxe à ciência econômica: uma análise de Popper e dos Institucionalistas .....	53
Considerações Finais .....	59
Bibliografia .....	62

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar e recuperar um memorável debate de idéias que aconteceu dentro da história do pensamento econômico. Trata-se da discussão metodológica entre o cientista político-econômico alemão Gustav von Schmoller e o economista teórico austríaco Carl Menger, que foi qualificada na literatura como *Methodenstreit* ou Batalha dos Métodos, porque os dois economistas representaram opiniões fortemente divergentes quanto a questões fundamentais sobre objetivos, deveres e problemas na ciência econômica. Seus trabalhos representaram programas de pesquisa bastante contrastantes. Schmoller defendia que apenas com a ajuda do método indutivo, histórica e empiricamente fundamentado, seria possível alcançar os objetivos do conhecimento na economia. Menger, diferentemente, acreditava que somente através do método dedutivo, com forte base teórica, poderia se chegar ao conhecimento na ciência econômica.

No trabalho são investigadas as metodologias defendidas por Menger e por Schmoller para a ciência econômica, além das origens e dos objetivos da Batalha. Para tanto se busca obras originais e textos a respeito em alemão e em inglês, considerando que muitas dessas obras não foram traduzidas para o português, o que acarretou que esse importante debate da história do pensamento econômico, até o momento, não fosse objeto de análise mais profunda de muitos autores no Brasil.

A discussão começou em 1883, quando Menger publicou a obra: *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaft und der Politischen Ökonomie insbesondere*<sup>1</sup>, após Schmoller dar pouca importância ao tipo de análise desenvolvida por Menger em sua principal obra: *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*<sup>2</sup>, de 1871. Em *Untersuchungen*, Menger critica a busca do conhecimento econômico através do método histórico e julga o movimento histórico da economia política alemã como improdutivo e inviável. Schmoller, fundador da Escola Histórica Alemã Recente,

---

<sup>1</sup> Tradução: Investigações sobre o Método nas Ciências Sociais e em especial na Economia Política

<sup>2</sup> Tradução: Princípios de Economia Política

considerou a realização de Menger, em *Untersuchungen*, um ataque ao programa de pesquisa representado por ele e reagiu com o Artigo: *Zur Methodologie der Staats- und Socialwissenschaft*<sup>3</sup>, publicado também em 1883 na sua revista anual: *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im deutschen Reiche*<sup>4</sup>. Menger por sua vez respondeu com o artigo: *Die Irrtümer des Historismus in der deutschen Nationalökonomie*<sup>5</sup>, em 1884, considerado como uma exagerada e polêmica revisão de argumentos já usados em *Untersuchungen*.

Para a análise dessa controvérsia metodológica se faz necessário pesquisar o contexto em que estava inserida a Batalha dos Métodos e o que defendia cada corrente teórica: Schmoller, e o contexto em que estava inserido na Alemanha, e suas influências dentro da Escola Histórica Alemã, e Menger na Áustria, fundando uma nova escola. Assim, chegando, em seguida, aos motivos que levaram à controvérsia entre os dois autores e os pontos principais da batalha, o que cada um defendia como método na ciência econômica, e quais foram os resultados da batalha e a sua influência para a economia.

Assim, o trabalho é estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, é apresentada a questão metodológica dentro da ciência econômica, dando ênfase à definição de método indutivo e método dedutivo. O segundo capítulo, aborda a Escola Histórica Alemã, Gustav von Schmoller e suas convicções metodológicas. Para tanto é feita uma análise da influência que a Escola Histórica tinha na Alemanha na época e o contexto histórico e econômico em que ela estava inserida no século XIX. Em seguida é apresentada a vida e obra de Gustav von Schmoller e a sua importância dentro da Escola Histórica e na Alemanha na época e, finalmente, são abordadas as idéias teóricas de Schmoller e a metodologia que ele defendia para a ciência econômica.

No terceiro capítulo, procura-se apresentar Carl Menger e sua influência na formação da Escola Austríaca, assim como a sua vida e obra. Em seguida é feita uma análise das teorias e idéias gerais de Menger em suas principais obras e, finalmente, são apresentadas as convicções metodológicas defendidas por Menger para a ciência

---

<sup>3</sup> Tradução: Da Metodologia do Estado e Ciências Sociais

<sup>4</sup> Tradução: Anuário para Legislação, Administração e Economia do Desenvolvimento Alemão

<sup>5</sup> Tradução: Erros do Historicismo na Economia Nacional Alemã

econômica, que foi o objeto da controvérsia da Batalha dos Métodos. O quarto capítulo, analisa como se desenvolveu a Batalha, os objetivos e motivações da mesma, assim como os pontos mais importantes da controvérsia metodológica. O último tópico do trabalho, no quarto capítulo, apresenta algumas conseqüências que a Batalha trouxe à ciência econômica, fazendo referência à obra de Popper, como defensor do método dedutivo e contrário ao método histórico, e às principais idéias metodológicas da corrente Institucionalista, como defensora da análise histórica na ciência econômica. Nas considerações finais, o trabalho é concluído com uma breve síntese do mesmo e algumas considerações da autora sobre as principais questões levantadas ao longo do trabalho.



## **1. A questão metodológica: método indutivo e método dedutivo**

Como a questão metodológica é o centro da discussão apresentada no presente trabalho, torna-se necessário definir inicialmente o método científico e diferenciar o indutivo, defendido por Schmoller, do método científico dedutivo, utilizado por Menger. Segundo Köche (1982), a concepção de verdade, leis e teorias sofreu uma constante evolução na história do conhecimento. Ao longo do tempo o homem vem se preocupando em buscar um conhecimento que deveria ser mais exato, que lhe proporcionasse maiores garantias e certeza de ser verdadeiro, um conhecimento mais seguro, que seria o conhecimento científico. Deve-se compreender o método científico como a proposta de alguns critérios básicos para o proceder científico. Portanto, tendo em vista esses critérios básicos, é justificável propor passos gerais que, comumente, são utilizados na investigação científica.

Lakatos (1991) define o método como sendo o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permite com maior segurança e economia alcançar o objetivo da ciência, conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. Indução é um processo mental em que se partindo de dados particulares infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas. Assim, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

É importante assinalar que tanto o método indutivo quanto o dedutivo, de acordo com Lakatos (1991), fundamenta-se em premissas, mas enquanto no dedutivo, premissas verdadeiras levam a conclusões verdadeiras, no indutivo, elas conduzem a conclusões provavelmente verdadeiras. A indução se realiza em três etapas: a primeira é a observação dos fenômenos, com a finalidade de descobrir as causas de sua manifestação; a segunda etapa é a descoberta da relação entre eles através da comparação; e a terceira é a generalização da relação encontrada na etapa anterior. Para evitar equívocos impõe-se a certificação de que é verdadeiramente essencial a relação que se pretende generalizar, assegura-se de que sejam idênticos os fenômenos ou fatos e não se pode perder de vista o aspecto quantitativo dos fatos ou fenômenos. Essas etapas

e regras levam às leis segundo as quais nas mesmas circunstâncias, as mesmas causas produzem os mesmos efeitos e o que é verdade de muitas partes suficientemente enumeradas de um sujeito, é verdade para todo esse sujeito universal.

A indução é entendida por Köche (1982) como o argumento que passa do particular para o geral, ou do singular para o universal. A indução acredita no valor da observação e na fidedignidade do testemunho dos sentidos, quando rigorosa e ordenada. Essa crença postula como função para a ciência a descrição e a classificação dos fatos. A explicação científica, suas teorias ou leis, seriam decorrentes dos julgamentos fundamentados nessa classificação. Na indução, a passagem dos fatos para as teorias acontece em dois momentos: no processo de descoberta e no processo de validação da teoria, ou na busca da verificabilidade. A verificabilidade pretende afirmar a veracidade dos enunciados universais a partir da veracidade dos enunciados singulares.

Segundo Lakatos (1991), o argumento dedutivo tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas enquanto o indutivo tem o desígnio de ampliar o alcance dos conhecimentos. Os argumentos indutivos aumentam o conteúdo das premissas com sacrifício da precisão, ao passo que os argumentos dedutivos sacrificam a ampliação do conteúdo para atingir a certeza. Argumentos matemáticos, por exemplo, são dedutivos, os teoremas são demonstrados a partir de axiomas e postulados, apesar do conteúdo dos teoremas já estar fixado neles, esse conteúdo não é óbvio. Dentre as diferentes formas de argumentos dedutivos que se pode encontrar em manuais de lógica e filosofia, os que mais nos interessam são os argumentos condicionais válidos que podem ser uma afirmação do antecedente (*modus ponens*), que é um enunciado condicional, ou uma negação do conseqüente (*modus tollens*) que deriva do fato de que a primeira premissa é um condicional, sendo a segunda uma negação desse mesmo condicional.

O método dedutivo de investigação, em Köche (1982), é exposto como sendo iniciado através da proposta de um problema, não teria sentido observar um fenômeno. Eles passam a ter relevância quando relacionados a um problema, a uma dúvida, a uma questão que precisa de resposta, isso justificaria uma investigação. Identificado o problema o investigador começa a conjecturar sobre as possíveis soluções que poderiam explicá-lo, as hipóteses. Após a testagem e análise dos resultados, é feita a avaliação das hipóteses e a sua rejeição ou aceitação, em caso de rejeição retorna-se ao princípio com análise do problema e elaboração de novas hipóteses, em caso de aceitação surge uma nova teoria que gera base para novos problemas e assim por diante.

Ainda a respeito de método científico, segundo Blaug (1994), nos manuais de filosofia das ciências o tema parece consistir numa análise puramente lógica da estrutura formal das teorias científicas, mais preocupadas com a prescrição de boas práticas científicas do que com a descrição daquilo que realmente passa por ciência. Esta caracterização da filosofia da ciência está agora um tanto desatualizada, refletindo antes o apogeu do positivismo lógico nos anos que mediaram as duas grandes guerras, que destruiu esta perspectiva tradicional sem, todavia, fornecer uma concepção alternativa geralmente aceita em seu lugar. De acordo com Blaug (1994), a resposta tradicional do século XIX ao problema da demarcação da ciência e da não ciência era a de que a ciência difere da não-ciência pelo uso que faz do método da indução: a ciência começaria com a explicação e avançaria com a observação e a experimentação até a construção de leis universais com a ajuda de regras de indução.

Blaug (1994) observa ainda que a visão da filosofia da ciência em meados do século XIX era a de que as investigações científicas começam por uma livre observação dos fatos, despida de preconceitos, procedem, em seguida, por inferência indutiva, à formulação de leis sobre esses fatos e chegam, finalmente, ainda através da indução, a enunciados de caráter mais geral conhecidos como teorias; tanto leis como teorias eram, por fim, verificadas quanto ao seu conteúdo de verdade, comparando as suas conseqüências empíricas com todos os fatos observados, incluindo aqueles que tinham estado na sua origem.

Essa visão começou gradualmente a desagregar-se na segunda metade do século XIX e foi quase completamente invertida pelo método hipotético-dedutivo da explicação científica. Assim, de acordo com Blaug (1994), a partir de 1948, o método dedutivo foi assumido, em termos formais, como o único tipo válido de explicação científica. Esta versão autorizada apareceu pela primeira vez num escrito de Carl Hempel e Peter Oppenheim (1965), que argumentaram que todas as verdadeiras explicações científicas têm estrutura lógica comum: envolvem, pelo menos, uma lei universal, mais o enunciado de condições inicialmente relevantes ou de fronteira que, juntas, constituem premissas a partir das quais um enunciado sobre algum evento cuja explicação se procura é deduzido sem recurso a outra coisa que não as leis da lógica dedutiva. Sendo a lógica dedutiva um cálculo abstrato em que a validade lógica do raciocínio dedutivo não depende da validade factual das premissas.

Blaug (1994) apresenta ainda a visão de Popper, que rejeita essas tentativas de separação e substitui-as por um novo critério de demarcação. Nunca se pode demonstrar que qualquer coisa é materialmente verdadeira, mas pode demonstrar-se que algumas coisas são materialmente falsas. Assim, Popper explora essa dissimetria lógica na formulação do seu critério de demarcação: a ciência é aquele corpo de enunciados sintéticos acerca do mundo real que, pelo menos em princípio, podem ser falsificados pela observação empírica. Para Popper, a indução não seria argumento logicamente válido, só a lógica dedutiva permitiria se chegar a argumentos demonstrativos ou necessários, na medida em que as premissas válidas implicam conclusões verdadeiras. Entretanto, Blaug (1994) salienta que Popper rejeita a indução somente enquanto argumento lógico demonstrativo, não enquanto tentativa não demonstrativa de confirmar hipóteses.

Desta forma, nos diversos ramos da ciência questiona-se sobre qual o melhor método que se deve seguir na investigação científica, sobre o valor da indução e dedução e se propõe novas teorias. Nos capítulos seguintes vamos analisar as concepções de Schmoller e de Menger, que foram apresentadas através do episódio da Batalha dos Métodos, além de como suas idéias influenciaram correntes de pensamento posteriores.

## 2. Gustav von Schmoller e a Escola Histórica

### 2.1. A Escola Histórica e sua influência na economia alemã

Neste capítulo serão apresentadas considerações sobre a época em que a Escola Histórica Alemã se originou e operou, além de suas idéias gerais e seu programa de pesquisa. Será apresentado o ambiente intelectual, político e econômico da Alemanha do século dezenove assim como o significado que a Escola Histórica teve na Alemanha.

A Escola Histórica Alemã surgiu com influências das publicações de Friedrich List. Em sua principal obra: *Das nationale System der Politischen Ökonomie*<sup>6</sup>, de 1841, List defende o protecionismo econômico para a indústria nascente e a unificação alemã, que não aconteceu antes de sua morte em 1846. Ele fundamentou as suas opiniões sobre o desenvolvimento econômico através da análise histórica, postulando estágios para se chegar a situações de maior progresso. Wilhelm Roscher foi um dos fundadores da Escola Histórica Antiga, que desejava apenas suplementar as teorias clássicas com o método histórico, já a Escola Histórica Recente liderada por Gustav von Schmoller exigia muito mais estudo histórico a fim de estabelecer uma base empírica para a ciência econômica.

O desenvolvimento intelectual e social da Alemanha no século dezenove teve grande influência do pensamento histórico com enorme abrangência, fundando a Escola Histórica. O conceito de Escola Histórica pode ser encarado de duas formas: por um lado, ele está especificado dentro da disciplina da ciência e por outro lado, ele denota a dimensão da Escola como um movimento intelectual onde a história representa a base do conhecimento geral, onde todas as coisas são submetidas a uma consideração histórica, e ela domina o consenso referente a alguns pontos centrais.

---

<sup>6</sup> Tradução: O Sistema Nacional de Economia Política

É considerada como primeira característica da Escola Histórica conceituar não apenas pessoas, eventos e processos, mas também instituições e todas as formas coletivas como um estado de coisas individual, como históricas e únicas. Os representantes da Escola Histórica entendem o mundo como o resultado da história e fazem interpretações, a partir daí, de um modo relativo. Para eles, é impossível tanto para pessoas como para fenômenos humanos seguir determinadas leis invariáveis porque existem incontáveis interdependências e o mundo se modifica no decorrer do tempo. Fenômenos sociais poderiam ser esclarecidos e entendidos apenas através de considerações sobre a respectiva condição histórica em questão. Para considerar um caso isolado se deveria usar um método predominantemente detalhado que poderia alcançar características únicas. Elementos e procedimentos especulativos eram banidos e abstraídos da ciência e eram repudiadas todas as teorias gerais para esclarecimento de causas e impressões de contextos.

O movimento histórico configurou não apenas uma significativa corrente no desenvolvimento da ciência histórica, mas ele abrangeu também especial importância na ciência jurídica. A opinião era crescente de que a ciência histórica tinha o papel chave das questões. Enquanto nas ciências naturais o empirismo dominava, nas ciências não naturais esse vigorava como materialista, mas com a elevação da ciência histórica por muito tempo à principal disciplina da ciência social e intelectual, essas idéias fecundariam também a ciência econômica.

Na Alemanha do século dezenove, com a ciência apoiada pela ciência histórica, dominou uma forte crença no progresso, isso acarretou altas e progressivas expectativas na economia. Essas orientações influenciaram os pontos de vista e a vida na Alemanha. A partir do segundo terço do século os cientistas dominaram os experimentos e a especialização com o método empirista. A ciência foi se profissionalizando, especializando através do crescimento dos componentes e surgiram novas disciplinas e áreas. A universalidade perdeu em importância, uma integração das ciências específicas se tornou crescentemente mais difícil, as ciências naturais perderam proporção para as ciências sociais e intelectuais tendo como base a ciência histórica, o movimento

histórico revolucionou: “O eterno tornou-se histórico, o incondicional condiciona e o absoluto tornou-se relativo”<sup>7</sup> (Wentzel, 1999, p.74, tradução da autora)

A Escola Histórica Alemã influenciou a economia política, representantes do movimento histórico tinham seguidamente uma considerável influência em todas as disciplinas científicas não naturais. A época de floração do movimento histórico na economia política estava vinculada a Gustav von Schmoller. Com o programa de pesquisa representado por ele, que será detalhada mais adiante, fica claro como se concretizou a maneira de pensar histórica geral do ponto de vista de tarefas e objetivos da economia.

A Escola Histórica aplicava uma abordagem revolucionária a seu estudo da sociedade, concentrava-se no desenvolvimento e no crescimento cumulativo, era nacionalista, enfatizava a importância do estudo histórico da economia e eram reformadores, embora fossem conservadores.

Hugon (1984), fala da reação histórica e o aperfeiçoamento da economia aplicada como reação contra a ciência econômica clássica e suas influências doutrinárias:

A partir de elementos psicológicos simples e permanentes, ao utilizarem a dedução os clássicos formularam leis econômicas com caráter de uma prescrição verdadeiramente imperativa.

Mas, à medida que a ciência econômica se desenvolvia, alguns autores começaram a observar um divórcio, cada vez mais acentuado, entre a teoria e a realidade: enquanto aquela indicava a uniformidade nos fenômenos econômicos – prosseguindo, assim, na pesquisa de verdade geral e, portanto, fazendo obra de ciência, tal como foi definida por Platão, Aristóteles e Sócrates -, esta última apresentava uma diversidade crescente de fenômenos econômicos e uma relação cada vez mais estreita entre o econômico e o social (Hugon, 1984, p.376).

Com a reação histórica, o método histórico vai-se desenvolver de maneira precisa com influências dos economistas com apelo à história, influência da escola

---

<sup>7</sup> Original: *Ewiges wurde geschichtlich, Unbedingtes bedingt und Absolutes relativ.*

histórico-jurídica que tem oposição ao cosmopolitismo e ao perpetualismo, tudo transforma-se sem cessar no decurso da história e modifica-se em ligação com elementos sociais.

O método da Escola Histórica representava uma correção do método clássico naquilo que tinha de excessivamente abstrato, que poderia perder de vista a realidade. A história, a estatística, a monografia, constituíam seus instrumentos de pesquisa. O novo método de estudo econômico observava a realidade levando em conta a evolução e a sua relatividade. A Escola Histórica introduz uma nova concepção na economia, a relatividade. O relativismo vai moderar o ponto de vista mecânico que isolava a atividade do homem do meio ambiente real. A concepção orgânica realçou a solidariedade existente entre a atividade e o meio na qual se desenvolve. Com isso, a reação histórica abre caminho para duas correntes econômicas importantes: a sociológica e a institucionalista. Mas a reação histórica, dando importância ao relativismo e às instituições, acaba deixando de lado a elaboração teórica.

Depois das considerações do movimento histórico e de sua influência na ciência, a situação política e econômica em que se encontrava a Alemanha no último terço do século dezenove se dirigiu conforme a visão a seguir.

## **2.2. O desenvolvimento político e econômico na Alemanha no século XIX**

O contexto social alemão anterior à Escola Histórica era do Tratado de Paz após as Guerras Napoleônicas (1799-1815) que deixou a Alemanha dividida em 39 estados sendo, a maioria, monárquicos e não democráticos. A Alemanha que criou a Escola Histórica era dividida e primariamente agrícola.

A idéia política predominante a partir da segunda metade do século dezenove era o Nacionalismo, a criação do Estado Nacional. A pessoa que regeu a política alemã nesta época foi Otto von Bismarck que foi nomeado, em 1862, primeiro ministro do reino da Prússia. No ano de 1866 a política de Bismarck tinha suas primeiras conseqüências: A Prússia venceu na luta pela predominância na Alemanha e um pedaço da Alemanha se originou da Áustria. No norte, pela predominância prussiana, foi



fundada a União da Alemanha do Norte, o restante da Alemanha ainda era de estados separados.

E apesar de todas as diferenças entre o norte e o sul, as semelhanças nacionais alemãs eram mais fortes. Embora existisse desacordo quanto ao caminho a seguir, a unidade alemã ainda era o maior objetivo comum<sup>8</sup> (Wentzel, 1999, p.75, tradução da autora).

O objetivo comum dos alemães do norte e do sul, a unidade alemã, tornou-se visível quando Napoleão declarou a guerra e perdeu. No ano de 1871 seria feita a unidade alemã com a fundação do Reino.

A fundação do Reino nesse ano criou um considerável conflito também na área econômica. A dinâmica econômica atingiu um ponto alto de progresso, mas o “boom” do ano de fundação foi seguido da crise no ano de 1873 através de uma quebra da bolsa. Quedas no mercado de ações e falências caracterizaram o começo de uma crise econômica. O retardamento do crescimento econômico real afetou a autoconfiança da grande burguesia que desde o começo da Revolução Industrial adquiriu poder econômico.

Desde a metade do século dezenove a Revolução Industrial acontecia também na Alemanha e as esferas econômicas fundamentais mudaram fortemente. Wentzel (1999) caracteriza quatro marcas da revolução industrial na Alemanha: primeiro vieram apostas em novas técnicas de produção e comunicação, em seguida puderam ser utilizadas em massa matérias-primas naturais, como carvão e ferro, que durante muito tempo foram apenas pouco empregadas, em terceiro se alargou o sistema fabril como forma organizacional e em quarto o trabalho assalariado livre tornou-se forma desenvolvida para a maioria da população.

A modernização e a maquinação acarretaram mais mudanças, a indústria pesada se expandiu, surgiu a indústria urbana, os mercados se desenvolveram

---

<sup>8</sup> Original: *Und trotz all der Unterschiede, die zwischen dem Norden und dem Süden bestanden, waren die nationalen deutschen Gemeinsamkeiten stärker. Obwohl über den Weg, der zu gehen war, Uneinigkeit herrschte, war die nationale Einheit noch immer das gemeinsame grosse Ziel.*

consideravelmente, novos ramos industriais se expandiram, aumentaram as apostas em modernos procedimentos de produção graças ao método de financiamento com sociedades de ações e com bancos econômicos. As novas tecnologias aumentaram a produtividade e também na agricultura pode se maximizar a produção através de modos de produção racionais. Foi necessária mão-de-obra em quantidade para a construção de ferrovias, para a ampliação da indústria pesada e mais tarde também para a indústria de máquinas e equipamentos. Os trabalhadores para as novas cidades industriais vieram dos ramos do artesanato que declinavam e antes de tudo da região agrária do leste Alemão, o que levou a formação de um proletariado industrial e da urbanização. A situação do trabalhador industrial era, entretanto, muito ruim. A questão social e de condições de vida dos trabalhadores passou a ser muito importante para a época. Surgiram organizações de ajuda e o Estado gerou atividades para melhorar a situação do grupo social ameaçado e para reduzir as diferenças sociais.

Considerando o problema das diferenças sociais, verifica-se a importância que o Estado ocupou nesta época. A tendência na Alemanha era do papel Estado se acentuar fortemente. Foi conferida imensa importância ao Estado, que era monárquico, militar e burocrático, ele deveria conter as diferenças sociais em proveito do bem comum.

O Estado do Reino Dirigente Prussiano valeu-se como defensor dos indivíduos contra as forças da sociedade, como curador da cultura e da educação. O ideal de governança do Estado era a imparcialidade e o bem comum e o pluralismo gerou ceticismo. Assim, os funcionários públicos eram, ao contrário dos políticos, apolíticos e eles ocuparam alta importância social.

As condições econômicas básicas e também a jurisprudência estabelecidas pelo Estado a princípio não influenciaram a ordem liberal e individual de mercado. Preservou a liberdade de contrato, de atividade, de concorrência e de organização. O Estado era possuidor do correio, ferrovias e mineração. A economia agrária e a indústria pesada eram subsidiadas e também as empresas de trânsito e de abastecimento municipais e mistas se desenvolveram. Essa influência estatal tinha importância como fonte de receita pública, porém, não modificou em muito a economia já estabelecida em relação às principais orientações de mercado e concorrência. O começo de uma intervenção estatal moderna foi introduzido através de uma política social e alfandegária. Os componentes dessa política foram completados a partir do final dos anos 70 do século dezenove através de intervencionismo e de assistência social.

Os problemas sociais da época deveriam ser reduzidos através de uma legislação social que representou uma tendência patriarcal e sócio-estatal. A política social, que deveria melhorar as condições de vida dos trabalhadores, se baseava em políticas sociais municipais, associações livres e política social empresarial. Enquanto já nos anos 60 os sindicatos geravam representação dos interesses sociais e econômicos, depois da crise econômica, a partir de 1873, começou uma radicalização do movimento trabalhador. Pouco tempo depois grupos de interesse agrário e econômico se coligaram. Eles se distanciaram da economia liberal dominada pelo comércio livre e exigiram a introdução de um sistema protecionista. De acordo com Wentzel (1999), uma mudança de curso na política aduaneira e uma reforma tributária e financeira substituíram a era do câmbio livre e as providências acompanhadas da mudança política deveriam, ao mesmo tempo, reforçar o poder financeiro do reino.

A política de liberalização de Bismarck sofreu pressão a partir do final dos anos 70 dos grupos de interesse em relação à necessidade social e resistiu à tensão política interna progressiva. Medidas intervencionistas e de assistência social, a cartelização nascente após as flutuações conjunturais e a crise da economia modificaram a face da era liberal. A idéia dominante na discussão científica econômica alemã do início do século dezenove, de que medidas mercantilistas seriam apropriadas para diminuir os problemas nacionais, começou a adquirir crescente importância na política alemã. A partir daí foram abordados aspectos em que a Escola Histórica alemã ocupou unânime importância para a orientação político-econômica

### **2.3. Gustav von Schmoller e seu significado para a Escola Histórica**

Gustav von Schmoller<sup>9</sup> nasceu em 24 de junho de 1838 na cidade de Heilbronn. Seu pai, Ludwig Friedrich David Schmoller era administrador na Câmara de Württemberg. Sua mãe morreu prematuramente em 1846. O pai o encaminhou para a

---

<sup>9</sup> As Informações sobre a vida e obra de Schmoller foram pesquisadas em WENTZEL, 1999; OSER, 1963; BRUE, 2005; e internet: <http://www.netsaber.com.br/biografias> e [http://de.wikipedia.org/wiki/Gustav\\_von\\_Schmoller](http://de.wikipedia.org/wiki/Gustav_von_Schmoller)

carreira de funcionário público de acordo com a tradição familiar. Antes do estudo de Ciência Política na Universidade, Schmoller ainda trabalhou um ano no gabinete de seu pai. Em sua carreira na chancelaria ele conheceu os elementos básicos das práticas de finanças e de direito administrativo e ganhou uma visão da situação social e econômica do país.

Na Universidade de Tübingen Schmoller estudou Ciência Política de 1857 a 1861, onde recebeu forte impressão das lições não só de economia política, como também de história e filosofia. Além de história, também se interessava por física, química e mecânica. No final da sua faculdade ele ganhou um prêmio com seu trabalho: *Die Untersuchung der volkswirtschaftlichen Anschauungen zur Reformationszeit*<sup>10</sup>. Com este trabalho ele foi promovido a doutor de Ciências Políticas. Já na sua primeira grande publicação, ficou evidente a sua busca por uma relação entre economia política e história.

Foi então trabalhar com seu pai em Heilbronn e se interessou por estudos filosóficos. Depois trabalhou como estatístico em Württemberg, as conclusões escritas por ele através do trabalho de estatístico em Württemberg em 1861 foram publicadas no Periódico Anual de Württemberg de 1863 e contribuíram para que Schmoller em 1864 recebesse um convite da Universidade de Halle onde ele escreveu um artigo sobre a questão do trabalho, em que publicou pela primeira vez sua opinião sócio-política.

Em Halle Schmoller se dedicou também fortemente à vida social. Desta forma, a Prússia tornou-se cada vez mais ponto de referência para ele em seus estudos de estado e ciência econômica. Em Halle ele se casou e teve um filho e uma filha. Em 1870 Schmoller produziu sua principal obra: *Geschichte des deutschen Kleingewerbes im neunzehnten Jahrhundert*<sup>11</sup>, com tema bastante atual na época, onde ele exteriorizava a opinião de que existia a necessidade de uma regulação de modo que, para o interesse da prosperidade geral, a liberdade de concorrência não poderia ser ilimitada, originando-lhe diversas críticas, pois era tempo de liberalização econômica.

---

<sup>10</sup> Tradução: Pesquisa das Concepções Econômicas em Época de Reforma

<sup>11</sup> Tradução: História das Pequenas Indústrias Alemãs no Século Dezenove

Lujo Brentano e Adolph Wagner juntamente com Schmoller, em Eisennach no ano de 1872, fundaram a *Verein für Socialpolitik*<sup>12</sup>. Schmoller tornou-se, em 1880, presidente da Associação. Ela constituía-se em uma organização de funcionários públicos, jornalistas, políticos, historiadores, estatísticos, economistas e empresários. Através de sua proposta de legislação previdenciária, tinham o objetivo de disseminar o marxismo na Alemanha. Schmoller foi qualificado freqüentemente como um dos mais importantes pais do estado social e como representante da previdência social.

No ano da fundação da Associação, 1872, Schmoller aceitou um convite para a recém fundada Universidade de Strassburg. Em 1881 assumiu a edição do periódico anual: *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft*<sup>13</sup>, que em seguida seria conhecido como *Schmoller-Jahrbuch*. Em Strassburg ele também desenvolveu o seminário como uma nova forma de aula onde ele exigia de seus jovens participantes de seminário trabalhos empíricos fundamentados estatisticamente.

Na década de 1880, os conservadores lutavam contra o crescente movimento social democrata e Bismark estava convencido de que só com a ação do estado na resolução dos problemas sociais se poderia fazer frente às novas ideias políticas. Em 1882, Schmoller recebeu um convite da Universidade de Berlim. Nos primeiros anos de sua atividade em Berlim começou a controvérsia metodológica com o austríaco Carl Menger, apresentada neste trabalho.

O resultado de seus 35 anos de pesquisa e trabalho como professor foi publicado em seu *Grundriss der Volkswirtschaftslehre*<sup>14</sup>, com dois volumes em 1900 e em 1904. Em 1884 Schmoller tornou-se membro do Conselho Estatal Prussiano, em 1897 e 1898 ele tornou-se Reitor da Universidade de Berlim e então, a partir de 1899 encarregou-se do Apalaçado da Prússia. Em 1908, Schmoller tornou-se da nobreza em função da importância que ele conquistou no decorrer de suas atividades. Gustav von Schmoller morreu em 27 de junho de 1917 com 79 anos.

Schmoller acreditava que os julgamentos de valor ético deveriam ser encorajados. O princípio motor da reforma social seria uma distribuição de renda mais

---

<sup>12</sup> Tradução: Associação para Política Social

<sup>13</sup> Tradução: Anuário para Legislação, Administração e Economia Política

<sup>14</sup> Tradução: Projeto de estudo de economia

eqüitativa. Schmoller justificava tarifas com base no argumento da indústria nascente de List e dizia que o protecionismo surgia do instinto natural do povo. Ainda considerava as tarifas como armas internacionais que poderiam beneficiar um país, se usadas habilidosamente.

Junto ao grande respeito por Schmoller, havia também as fortes críticas a ele, que repreendiam a sua falta de interesse teórico e, foi defendido que ele pelos olhos dos economistas foi um historiador e pelos olhos dos historiadores foi um economista. Schmoller foi acusado de utilizar sua considerável influência na área da política em proveito do programa de pesquisa representado por ele. Sua personalidade e sua influência prática e intelectual como principal representante do movimento histórico formou uma geração inteira de economistas alemães. Isso tinha naturalmente também efeito na propagação da idéia da Escola Histórica Recente da qual Schmoller era inquestionavelmente o fundador e líder intelectual.

A Antiga Escola Histórica, cujos principais representantes eram Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies, tinham lentamente abandonado a ligação com o liberalismo clássico. Junto a Schmoller, como o dirigente, a Escola Histórica Recente tinha como representantes Bücher, Brentano, Held, Knapp, Conrad e Herkner. Werner Sombart, aluno de Schmoller, também foi enraizado na Escola Histórica. Na obra de Sombart e nos trabalhos de Max Weber e Walter Eucken foi visível uma herança da Escola Histórica. De acordo com Wentzel (1999), Schmoller foi um pensador muito respeitado e ao mesmo tempo considerado muito polêmico tanto por seus contemporâneos como também pelas gerações seguintes.

Na segunda metade do século XIX o movimento histórico tornou-se a base ideológica de muitos campos da ciência social e intelectual influenciando decisões e dominando durante esse tempo quase toda disciplina que não ciência natural. As opiniões políticas e econômicas dos representantes da Escola Histórica pareciam tão adequadas e relevantes porque elas se referiam aos problemas do desenvolvimento econômico da época e ofereceram soluções. O movimento nacional dominou como tema político, as conseqüências da revolução industrial representaram um ponto central de discussão política e econômica. Diante deste contexto histórico se esclarece muitas opiniões de Schmoller. Também o envolvimento com a Associação para Política Econômica manifesta que a economia política ocupava uma significativa importância nas atividades econômicas de Schmoller.

Os conceitos teóricos dos clássicos formam a base e o ponto de partida da visão econômica de Schmoller. A avaliação de Schmoller da teoria clássica tinha crítica tanto positiva quanto negativa. Enquanto Schmoller negou a redução da realidade em fatores mais simples como a procura de leis como objetivo do estudo de economia, ele acreditava na consideração dos efeitos institucionais de Smith. Schmoller considerava a linha de desenvolvimento ricardiana como desencaminhamento. Seu enfoque orgânico da economia, sua sistematização do estudo de economia e seus conceitos teóricos serão tratados no ponto seguinte sobre as idéias gerais de Schmoller.

#### **2.4. Idéias teóricas gerais e a metodologia de Schmoller**

Schmoller acreditava que o método indutivo seria mais produtivo na ciência econômica priorizando a coleta de material efetivo, histórico e descritivo sobre a elaboração de teorias dedutivas, desenvolvendo a economia com base em estudos monográficos históricos. Ele era contra a elaboração de leis econômicas com a suposição de que tudo o mais permanece constante. Na citação de Brue (2005) percebe-se a importância que Schmoller dá ao material histórico e empírico:

As ciências históricas oferecem material e dados empíricos que transformam o estudioso de um sujeito simples a um homem rico no que se refere à realidade. E é esse material histórico que, assim como a boa observação e a descrição, serve para ilustrar e checar as conclusões teóricas, para demonstrar as limitações da validade de certas verdades e, acima de tudo, para obter indutivamente novas verdades. Isso se aplica, particularmente, aos campos mais complexos da economia política, em que é possível progredir apenas na base da investigação histórica. Por exemplo, as deduções puramente abstratas não têm nenhum valor no que se refere aos efeitos dos equipamentos sobre os salários e à influência da produção de metais preciosos sobre o dinheiro. Isso se torna ainda mais verdadeiro em relação à evolução das instituições e teorias econômicas e ao problema do progresso econômico de um modo geral (Schmoller, 1894, apud Brue, 2005, p.205).

Schmoller derivou seus aspectos básicos de economia do conceito alemão *Volkswirtschaft*, economia do povo. O conceito de economia de Schmoller diz respeito às atividades e às relações das pessoas do ponto de vista de sua subsistência e de sua provisão material. A utilidade da atividade seria normativa para a ação econômica.

Com o conceito *Volk*, povo, Schmoller entendia as relações psico-morais das pessoas que se derivam através da língua, origem, costume, moral, direito, religião, história e constituição do país. Existe um espírito de cada povo que se baseia em sentimentos e idéias uniformes. Esse espírito do povo se manifesta por costumes, propósitos uniformes e conjuntos de intenções e dirige a uma forte união e conexão específica do povo criando assim as instituições que regem a economia nacional:

a escolha da localização, a colocação do projeto, a construção de rodovias, de pontes e muros; então a pavimentação de ruas, o abastecimento de água e a colocação de luzes e finalmente a organização pública que é necessária para o mercado e qual a conduta para mercados, escalas públicas, etc. – isso junto com a justaposição conjunta das residências e formas mais complexas de divisão do trabalho, de circulação monetária e de crédito, tudo cria uma massa uniforme, cria instituições públicas e leva a uma associação de uma natureza muito mais próxima que antes. Isso se faz sentir necessariamente tanto dentro como fora da cidade. Por séculos, o progresso econômico está diretamente ligado com o avanço das cidades e com a formação de instituições civis<sup>15</sup> (Schmoller, 1987, p.5, tradução da autora).

Schmoller conceituou a economia nacional como “o todo real uniforme”. A totalidade seria atribuída a um complexo de causa material e natural de um lado e a um complexo de causa psicológica de outro. A associação dos elementos, dos quais se monta o todo, seria condicionado tanto por elementos econômicos quanto sociais. A relação econômica seria de troca, produção e contrato. A relação social se origina pela

---

<sup>15</sup> Original: *the choice of a locality, the laying-out of the plan, the construction of roadways, of bridges, and of walls; then the paving of the streets, the bringing of water, and the setting-up of lights; and, finally, the common arrangements which are necessary for the market, and which lead to common market-houses, public scales, etc. - these, together with the close juxtaposition of residences, and the higher forms of division of labour, of currency, and of credit, all create a mass of uniform, common institutions, and bring about an association of a far closer character than before. This necessarily makes itself felt both inside and outside the town. For centuries economic progress is bound up with the rise of the towns and the formation of civic institutions.*



língua, origem, direito, costume, religião, constituição e história. Para Schmoller, a relação entre uma infinidade de economias específicas pode ser pensada como *Volkswirtschaft*, dela se supõe instituições nacionais uniformes e um sistema de relações uniforme que também é a convergência de língua, sentimentos, idéias, costumes, história e regras jurídicas. Essa convergência existente nas relações sociais de uma economia deu origem ao pressuposto da solidariedade histórico-genética de Schmoller em relação aos elementos de um sistema social:

Os elementos de um sistema social, que são representados, por exemplo, na forma de famílias, empresas, instituições e organizações públicas e privadas, e também na forma de motivações, costumes e tradições, desenvolvem-se conjuntamente e se influenciam mutuamente<sup>16</sup> (Wentzel, 1999, p.86, tradução da autora).

Apesar da constante mudança em seus elementos específicos, Schmoller define a economia nacional como uma coletividade imutável. Toda mudança dentro da economia nacional como seu desenvolvimento é entendida como adequada à mudança de um indivíduo. Aqui fica claro que Schmoller tinha um enfoque orgânico da economia nacional sendo o Estado o organismo central do corpo social. Em sentidos diferentes ele referiu-se à analogia do corpo humano para esclarecer especialmente os aspectos da união dos elementos e do todo da economia.

A economia nacional de Schmoller seria resultado do entrelaçamento de cada economia específica, sendo mais do que a soma de cada economia específica porque essa totalidade possui efeitos. Para Schmoller, o órgão central do corpo social seria o Estado, sem ele uma economia nacional não poderia ser pensada. Schmoller é contrário a idéia de que a economia é baseada na ação de satisfação das necessidades individuais, a vida econômica de uma sociedade seria formada por uma organização com propósitos conjuntos.

---

<sup>16</sup> Original: *Die Elemente eines sozialen Systems, die sich z.B. in Form von Familien, Unternehmungen, öffentlichen und privaten Institutionen und Organisationen, aber auch in Motiven, Bräuchen und Traditionen darstellen, entwickelten sich gemeinsam und beeinflussen sich dabei gegenseitig.*

A idéia de que a vida econômica é um processo dependente principalmente da ação individual – uma idéia baseada na impressão de que esta está centrada meramente em métodos de satisfação de necessidades individuais – é errada com respeito a todos os estágios da civilização humana e em algumas áreas isto é mais equivocado quanto mais olhamos pra trás. A mais primitiva tribo de caçadores ou pastores mantém a sua existência apenas por meio de uma organização baseada na afinidade onde, com o propósito de defesa, jornada conjunta para o verão e pastos de inverno, aquisições comuns para o benefício de toda a tribo, orientação comum do príncipe da tribo, são as principais partes. O primeiro assentamento e ocupação do solo não é uma questão individual, mas de tribos e clãs<sup>17</sup> (Schmoller, 1897, p. 4, tradução da autora).

O enfoque orgânico da economia e a sistematização do estudo da economia representavam algumas de suas idéias e convicções teóricas fundamentais. A idéia de que a economia representa um sistema orgânico significa que cada elemento específico consistente a um todo, se modifica pelo todo constantemente de modo que eles são genética e historicamente interdependentes. Em função disso, Schmoller acreditava que apenas através da análise exata de todos os elementos específicos, da sua interação com cada outro elemento e da relação de todos com o todo, seria possível compreender as situações e o desenvolvimento econômico.

No enfoque de economia de Schmoller, junto à suposição da ligação histórico-genética, também está a da integração funcional. Essa segunda suposição, que resulta da afirmação da total interdependência dos elementos, dirige para a necessidade de considerar a totalidade e o contexto de todas as partes na análise de um aspecto específico da realidade. A partir daí as verdadeiras causas e conseqüências dos fenômenos sociais poderiam ser encontradas.

Para Schmoller, tais relações e interdependências entre cada economia de um povo são a causa da economia ser pensada como um todo, assim, ele questionou sobre

---

<sup>17</sup> Original: *The idea that economic life has ever been a process mainly dependent on individual action, -- an idea based on the impression that it is concerned merely with methods of satisfying individual needs, - is mistaken with regard to all stages of human civilisation, and in some respects it is more mistaken the further we go back. The most primitive tribe of hunters or shepherds maintains its existence only by means of an organisation based on kinship, wherein union for purposes of defence, joint journeyings to summer and winter pastures, communistic acquisition for the benefit of the whole tribe, communistic guidance by the tribal prince, play the most important parts. The first settlement and occupation of the soil is never a matter for individuals, but for tribes and clans.*

as razões dessas relações que formam a unidade. A questão de o que separar e o que une as pessoas, o que gera a formação de grupos sociais foi para Schmoller o ponto de partida e questão central da reflexão do estudo de economia.

Schmoller definiu o estudo de economia como sendo: “a ciência que descreve e define a manifestação econômica e a esclarece através de causas, assim como quer compreender o contexto do todo<sup>18</sup>” (Schmoller, 1893, apud Wenzel 1999, p.91, tradução da autora). Essa definição corresponde à descrição de seu programa de pesquisa e ela fornece em primeira linha informações sobre as tarefas e objetivos que Schmoller atribui ao estudo de economia. As descrições exigidas em seu conceito de esclarecimentos, definições e esclarecimentos de causa referem-se a instituições e fenômenos econômicos como, por exemplo, a divisão e organização do trabalho, os serviços públicos e privados, a distribuição de renda e as manifestações de utilidade, preço, dinheiro e crédito. Ele empenhou-se em abranger a situação em que ocorre e o desenvolvimento da estrutura econômica e social.

Para Schmoller, o estudo de economia referente a essas tarefas desenvolve-se com considerações estáticas e, estendendo-se o campo das questões, seria necessário um componente dinâmico. Como a disposição e processamento das manifestações econômicas freqüentemente se assemelham à soma da constituição média da economia, ficaria para o começo das investigações econômicas nacionais o modo de consideração estático, em anteprojetado. No segundo andamento, seriam acrescentadas pesquisas das divergências entre as economias e as diferentes formas de organização. Para entender as relações e conseqüências das diferentes formas e manifestações, se faz necessário acrescentar um modo de consideração dinâmico. A exigência da dinâmica seria atendida com a apresentação das diferentes formas que documentam um desenvolvimento causal e a existência de uma sucessão histórica de situações econômicas. Mas além das explicações estáticas e dinâmicas da economia, Schmoller salienta a importância de o estudo de economia ter uma função prática para a economia nacional e que a ciência econômica estabeleceria juízos de valor.

---

<sup>18</sup> Original: *die Wissenschaft, welche die volkswirtschaftlichen Erscheinungen beschreiben, definieren und aus Ursachen erklären sowie als zusammenhängendes Ganzes begreifen will*

Juntamente com a explicação de sua dimensão estática e dinâmica, Schmoller enfatizou que o estudo de economia desde a sua formação possui uma função prática e quer oferecer “lições para a vida”. Desde sempre o estudo de economia foi uma ciência ética que estabelece ideais baseados em juízos morais e históricos<sup>19</sup> (Wentzel, 1999, p.92, tradução da autora).

Para Schmoller, o estudo de economia deveria encorajar valores éticos. A justiça no sistema econômico deveria ser exercida pela política econômica através de uma reforma social mais igualitária:

O que são as instituições econômicas senão um produto dos sentimentos e pensamentos humanos, das ações humanas, dos costumes e das leis humanas?

Se, na ordem econômica, pudermos reconhecer somente as regras de forças ocultas, de interesses egoístas, das massas naturais e de processos mecânicos, essa seria uma batalha constante, uma caótica anarquia. (...)

(...) Os economistas históricos e a filosofia moderna da lei concederam-lhes a devida posição, mostrando-nos que a grande era do progresso econômico está ligada principalmente à reforma das instituições sociais (Schmoller, 1894, apud Brue, 2005, p. 2006).

Schmoller diferenciou o estudo de economia em geral e específico: a economia geral detém um caráter filosófico sociológico, refere-se à economia nacional e leva a um levantamento sistemático da economia nacional como um todo. Situações e desenvolvimentos periódicos e típicos foram considerados como ponto de partida para se chegar às causas gerais dos fenômenos econômicos. Conhecimento empírico e observação dos acontecimentos específicos seriam utilizados somente para sustentar as declarações. O autor coloca como base do objeto de conhecimento a manifestação da

---

<sup>19</sup> Original: *Neben der Erläuterung ihrer statischen und dynamischen Dimension betonte Schmoller, dass die Volkswirtschaft seit ihrer Entstehung eine praktische Funktion besitze und „Lehren fürs Leben“ anbieten wolle. Schon immer sei die Volkswirtschaftslehre eine ethische Wissenschaft gewesen, die auf Basis von sittlich-historischen Werturteilen Ideale aufstelle.*

economia nacional com suas últimas causas, corresponderia então a uma pesquisa ética e histórico-filosófica.

O estudo de economia específico seria aquele histórico, jurídico, prático-administrativo e descritivo. O ponto de partida seriam fatos concretos que descrevem o detalhe do fenômeno e seriam esclarecidos pelas causas. O tratamento da questão econômica e social de um país seria a tarefa particular do estudo específico de economia. Para esse último estudo, ele oferece um sólido fundamento empírico para o estudo anterior, ele se refere a conhecimentos gerais do estudo de economia nacional e de ética. Observa-se que tanto o estudo geral de economia como o específico leva em consideração sua relação com estado, direito, costumes e moral.

Sua sistematização do estudo da economia se baseou nesta diferenciação entre o estudo de economia geral e o específico. As exigências de Schmoller são a fundamentação histórica, prática, administrativo-jurídica, descritiva e empírica, devendo-se descrever concretamente, esclarecer especificamente e tratar questões atuais.

Apesar de ele enfatizar a união do estudo geral e específico de economia nacional, o programa de pesquisa representado por ele corresponde principalmente a um estudo de economia específico. Percebe-se que Schmoller concede uma importância de destaque ao estudo de economia específico em função de suas características descritivas e históricas

A respeito de teorias, ciência e a busca da verdade, Schmoller enfatizou que a separação de diferentes programas de pesquisa dentro de uma disciplina se baseia em diferenças em relação aos métodos, pontos de vista, idéias básicas, princípios e um esclarecimento separado de estados de coisas relevantes. Ele classificou como teoria todas as doutrinas que dentro de uma disciplina poderiam ser discutidas em contrário e ter enfoques não uniformes. Ele ainda complementa que uma discussão possibilita a apreciação da afirmação discutida.

Schmoller enfatizou o quanto as teorias não representam um conhecimento seguro, assim, ele deduziu um critério para demarcar teorias de ciência.

Logo, trata-se então de ciência quando não se discute mais, porque cada investigador chegou ao mesmo resultado. A ciência

corresponderia então a um conhecimento seguro quando uma opinião uniforme dominar. Quando de diferentes teorias resulta uma verdade por todos reconhecida, então a ciência se realizou<sup>20</sup> (Wenzel, 1999, p.95, tradução da autora).

Schmoller questionou como seria possível se aproximar da verdade. Teorias representariam muito mais o desenvolvimento do conhecimento humano. A opinião de Schmoller sobre as possibilidades de melhorar teorias é de que é possível com a ajuda da discussão crítica de diferentes teorias se chegar à verdade e que a eliminação de falhas nas teorias significa um progresso no conhecimento.

Schmoller respondeu à questão da formulação e conclusão de pressupostos com o confronto crítico de diferentes teorias e com pesquisas empíricas que seriam o ponto de partida essencial para se chegar a novos saberes. Uma observação completa dirige a um conhecimento detalhado e esse seria o conhecimento verdadeiro. Ele acreditava que o empirismo era a fonte do conhecimento. Junto a uma observação correta do passado e do presente, com a ajuda dos sentidos, através da análise dos próprios sentimentos e da observação do interior, o cientista poderia chegar ao conhecimento.

O método de Schmoller para alcançar o conhecimento verdadeiro seria discutir teorias confrontantes, provar empiricamente, eliminar falhas e, através disso, melhorar teorias. Esse método foi formulado com a elaboração de objetivos e tarefas e com a criação de uma base empírica.

Schmoller atribuiu à observação e à descrição um papel importante e conferiu à estatística e à história grande relevância nas funções de ajuda científica para a formulação de proposições econômicas. Ele exigiu todas as formas de observação, objetividade, exatidão e integridade. Em função da complexidade das ciências sociais ele julgou que a observação nelas era mais difícil do que nas ciências naturais. As funções designadas por ele na descrição, definição e representação de coexistência,

---

<sup>20</sup> Original: *Demnach handele es sich dann um Wissenschaft, wenn nicht mehr diskutiert werde, weil jeder Untersuchende zum selben Ergebnis komme. Wissenschaft entspräche dann einer gesicherten Erkenntnis, wenn eine einheitliche Auffassung herrsche (vgl. Schmoller, 1893, S.245). Wenn aus unterschiedlichen Theorien eine von allen anerkannte Wahrheit hervorgehe, dann sei die Wissenschaft vollendet.*

possibilitariam deduzir pressupostos gerais com base em proposições sobre observações e a descrição empírica seria a base necessária para a comparação.

Em relação ao objetivo, a relação de causa e efeito a ser esclarecida, Schmoller acreditou poder classificar e compreender através da diferenciação de esforços racionais e circunstâncias naturais as causas importantes do desenvolvimento econômico. Wentzel (1999) resume a visão de Schmoller a respeito de como essas causas influenciam a economia da seguinte forma: em primeiro lugar, a natureza influencia as pessoas psicologicamente e fisicamente e assim produz efeito na economia, circunscrevendo as possibilidades de desenvolvimento e ao mesmo tempo dando o impulso inicial para desenvolvimentos técnicos; em seguida, como elo central entre as causas naturais e racionais, a técnica determina o desenvolvimento dentro das fronteiras naturais, ela influencia o comportamento racional e é ao mesmo tempo dependente de capacidades racionais.

De acordo com Wentzel (1999), Schmoller procurou atingir os esforços racionais em um estudo propulsor: os mais fundamentais de todos os sentimentos, como dor e vontade, precisam de instintos e necessidades, esses dirigem as vontades e as ações. Dos sentimentos baixos e carnais se conduz com o progresso ético para o desenvolvimento de sentimentos superiores, estéticos, intelectuais e morais. Com o desenvolvimento, os instintos específicos e diferenciados, como os da própria perpetuação, da progênie, da rivalidade e do instinto de ganho material, tornam-se moralizados através da reflexão. E finalmente, coloca que as necessidades humanas são dependentes de origem, formação e ambiente.

O ponto de partida de Schmoller para a teoria e a relação entre teoria e experiência seria uma crítica à insuficiência dos clássicos. O papel que ele atribuiu aos procedimentos indutivos mostra que ele não reconhecia importância às leis na ciência social. Ele negou a existência de leis exatas em razão de vontades e da liberdade de decisão humana. Uma lei exata exigiria medir os exatos esforços causais. Os esforços físicos e psicológicos não seriam quantificáveis, por isso não poderiam fornecer leis exatas. Para Schmoller, com a ajuda da indução nas investigações, a regularidade empírica era banível, sendo a experiência a verdadeira fonte do conhecimento.

Assim, Schmoller considera a possibilidade de alcançar o conhecimento com ajuda do método de pesquisa fundamentado por ele, que seria o caminho da procura da

verdade discutindo, verificando e eliminando falhas de teorias, tendo o empirismo como a base do conhecimento.



### 3. Carl Menger e a formação da Escola Austríaca

Diferentemente de Schmoller, Menger não desenvolveu suas idéias com influência de uma base teórica específica. A Áustria, até então, não tinha tradição no campo da ciência econômica, o estudo de economia era influenciado pelos alemães da Escola Histórica e pela sociologia. As idéias de Menger são bastante originais e é difícil identificar influências que foram exercidas sobre ele. Menger foi considerado o fundador de uma corrente de pensamento, a Escola Austríaca, e um dos principais representantes e fundadores do Movimento Marginalista, juntamente com Walras e Jevons.

#### 3.1. Menger e sua influência na fundação da Escola Austríaca

Carl Menger<sup>21</sup> nasceu em 28 de fevereiro de 1840 na cidade de Nova Sandez atualmente na Polônia. Seu pai era advogado e ele, no princípio, pretendeu seguir a mesma carreira do pai. Menger estudou direito e ciência política na Universidade de Viena (1859-1860) e de Praga (1860-1863), depois de formado seguiu carreira jornalística trabalhando como redator em Lemberg e, de 1865 a 1866, foi editor-chefe do jornal de Viena *Neuen Wiener Tageblattes*.

Em 1867 doutorou-se em Cracóvia e seguiu a carreira como funcionário público e jornalista no jornal *Wiener Zeitung* escrevendo sobre economia e sobre mercados, Menger se preocupou com o problema da determinação dos preços o que o motivou a escrever o livro: *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*<sup>22</sup>, de 1871, baseado em crítica ao trabalho de Karl Heinrich Rau (1792-1870). A obra de Menger tratava das condições gerais que originam a atividade econômica, o valor, as trocas, os preços e a moeda.

---

<sup>21</sup> As Informações sobre a vida e obra de Menger foram pesquisadas em SCHUMPETER, 1964; WENTZEL, 1999; OSER, 1963; BRUE, 2005 e FEIJÓ, 2001.

<sup>22</sup> Tradução: Princípios de Economia Política

Em 1872 foi habilitado como professor de Economia na Universidade de Viena. A partir de 1876, lecionou para o príncipe herdeiro da Áustria Rudolf influenciando-o fortemente no sentido do liberalismo e o acompanhou em suas viagens de estudos, em 1877 e 1878, para Inglaterra, França, Alemanha e Suíça.

Em 1883 Menger publicou: *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaft und der Politischen Ökonomie insbesondere* <sup>23</sup> e em 1884, *Die Irrtümer des Historismus in der deutschen Nationalökonomie* <sup>24</sup>. Nessas obras, Menger queria mostrar a importância de uma teoria geral e abstrata que unificasse todas as partes fragmentadas do conhecimento econômico existente, além de fazer uma crítica aos propósitos e métodos da Escola Histórica Alemã.

Em 1890 tornou-se membro vitalício do palácio austríaco. Menger nunca se casou, mas teve um filho em 1902, Karl Menger, que se tornaria um reconhecido matemático. Menger encerrou a sua então consagrada carreira acadêmica em 1903 se dedicando à segunda parte de *Gundsätze* que não foi acabada antes de sua morte em 26 de fevereiro de 1921. Em 1923, seu filho Karl lançou postumamente uma segunda edição de *Gundsätze*.

Menger foi considerado tanto como participante da Revolução Marginalista, quanto como fundador da sua própria escola de pensamento econômico, a Escola Austríaca, influenciando diversas gerações. Nas primeiras gerações dos austríacos destacam-se Böhm-Bawerk e Wieser, suas contribuições teóricas foram na edificação de uma teoria do valor, da produção, dos ciclos econômicos e da lógica da escolha entre o início do século XX e os anos 30. Nos anos 20 e 30 projetam-se Ludwig von Mises e seu colega F. A. Hayek que, apesar de terem características próprias, também eram seguidores de Menger e fizeram parte da Escola Austríaca.

Schumpeter observa que a posição de Menger na Universidade de Viena não poderia ser considerada ideal porque não havia tradição local na matéria além de pouco interesse no que ele tinha a dizer:

---

<sup>23</sup> Tradução: Investigações sobre o Método nas Ciências Sociais e em Especial na Economia Política

<sup>24</sup> Tradução: Erros do Historicismo na Economia Nacional Alemã

Mas sem esmorecer, aquela fortaleza de ânimo firmou-se eventualmente, encontrou alunos de seu calibre intelectual e – embora sem poder evitar um período de luta amarga – fundou uma escola que se caracterizou pela vitalidade e coerência e que exerceu, embora sem dispor de todos os meios e vantagens que condicionam tal sucesso, influência internacional, até ser dispersada (temporariamente?) na década de 1930. O princípio fundamental de utilidade marginal era de sua própria autoria – subjetivamente – embora Jevons tenha, sem dúvida, a prioridade na redescoberta (Schumpeter, 1964, p.99).

Menger teve grande importância na economia com suas teorias e com suas convicções metodológicas, isso se esclarece não apenas através de sua importância como fundador da Escola Austríaca, mas também através de sua influência no desenvolvimento dela. Wentzel (1991) salienta que as marcas ainda hoje relevantes da Escola Austríaca e as tarefas e objetivos perseguidos pelos representantes dela, já estavam dispostas nos pontos principais de Menger que enfatizavam o sentido dos objetivos das atividades humanas, a imprevisibilidade das expectativas humanas e a questão resultante disso, os resultados imprevistos das atividades humanas: “Menger foi menos *parte*, muito mais *começo* de uma corrente que foi basicamente influenciada por ele<sup>25</sup>” (Wentzel, 1991, p.273, tradução da autora).

Schumpeter (1951) se refere a Menger como um pensador que pode reivindicar uma realização decisiva que se transformou em página da história científica.

### 3.2. Idéias teóricas gerais de Menger

Menger foi considerado como um dos principais representantes e fundadores do Movimento Marginalista, juntamente com Walras e Jevons, que surgiu como uma superação das teorias do valor até então desenvolvidas agregando a utilidade dos bens com a sua quantidade disponível. A Revolução Marginalista baseou-se no princípio de

---

<sup>25</sup> Original: *Menger war weniger Teil vielmehr Beginn einer Richtung, die massgeblich durch ihn beeinflusst wurde.*

que o homem busca o máximo de satisfação com o mínimo dispêndio de esforço, elaborando a noção de Utilidade Marginal.

As principais contribuições de Menger, identificadas em Zanella (1993), estão no aspecto epistemológico e metodológico, com dedutivismo, subjetivismo e individualismo. Nos preços, o valor seria uma relação entre bens escassos e usos alternativos com o fim de atender a necessidades distintas em distintas hierarquias, na moeda e seu surgimento e no ciclo econômico.

O principal trabalho teórico de economia de Menger foi: *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*, de 1871, onde ele propôs o objetivo fundamental de formular a lei da formação de preços:

Logo que conseguiu basear a solução do problema, nos seus aspectos de “oferta” e “procura”, na análise de necessidades humanas, e naquilo que Wieser denominou o princípio da “utilidade marginal”, todo o complexo mecanismo da vida econômica adquiriu, súbita e inesperadamente, uma transparente simplicidade (Schumpeter, 1970, p.89).

Em *Grundsätze* (1885), Menger aborda a natureza dos bens, o nexo causal existente entre os bens, de primeira ordem, que seria direto e imediato, e de segunda ordem, com nexo causal apenas indireto na satisfação das necessidades. Aborda também as leis que regem os bens no tocante à sua qualidade de bem, de primeira ordem e de ordens superiores, assim, nos bens de ordem superior, a respectiva qualidade de bem depende dos bens de ordem inferior correspondentes.

Os bens de primeira ordem seriam bens de consumo, os de segunda e terceira ordens e de ordem superior seriam os meios de produção. Os bens de primeira ordem satisfazem diretamente as necessidades, os de ordem superior possuem capacidade para produzir bens de primeira ordem e satisfazem as necessidades dos indivíduos indiretamente. Como conseqüência causal, o valor de bens de primeira ordem é transmitido aos bens de ordem mais alta. Menger salienta ainda que o conceito de causalidade é inseparável do conceito de tempo e das causas do bem-estar progressivo dos homens. Os processos de mudanças são sempre frutos de causalidades e só podem ser pensados como processos no tempo.

Menger definiu bens econômicos como sendo aqueles que têm demanda superior à oferta e denomina economia o conjunto total das atividades do homem orientadas para a satisfação das necessidades desses bens econômicos:

Se assim é, torna-se claro que a característica de “econômico” ou “não-econômico” não é algo inerente aos bens, nem é propriedade inerente aos mesmos; e que, portanto, cada bem tem a característica de “econômico” independentemente de propriedades internas que lhe sejam inerentes, ou de elementos externos, desde que haja a relação acima (demanda maior que a oferta), perdendo-se essa característica no momento em que ocorrer a relação contrária (oferta maior que a demanda). (Menger, 1985, p. 273).

Portanto um bem não econômico só se torna econômico quando há um aumento da demanda ou uma diminuição da oferta. Assim, a característica econômica dos bens de ordem superior é condicionada pela característica econômica dos bens de ordem inferior que servem para a produção. Menger também definiu a riqueza nacional como sendo a totalidade dos bens que estão à disposição de cada indivíduo e de cada sociedade envolvidos em atividades econômicas.

O conceito de mercadoria também foi revisto por Menger como sendo os bens econômicos destinados à troca. A procura por essa mercadoria dependeria do mercado consumidor, seria limitada em relação ao território dentro do qual elas podem ser vendidas, em relação à quantidade, de demanda não atendida e de base para troca econômica, e em relação aos períodos dentro dos quais as mercadorias encontram mercado, para o caso de mercadorias sazonais. Os mercados teriam por finalidade reunir os interessados para a formação dos preços das mercadorias e a constituição deles, a organização da oferta facilitaria, assim, aumentando a demanda.

No aspecto metodológico, segundo Schumpeter (1970), Menger procurou libertar-se das idéias tradicionais alemãs e mergulhar independentemente até o fundo das coisas, o que o fez publicar, em 1883, sua obra sobre a metodologia das Ciências Sociais: *Untersuchungen über die Methode der Socialwissenschaft und der Politichen*

*Ökonomie insbesondere*<sup>26</sup>, que será analisada mais detalhadamente no capítulo subsequente. Seu trabalho sobre a teoria da moeda formulada para o *Handwörterbuch der Staatswissenschaften*<sup>27</sup>, em 1892, também deve ser mencionado, entretanto: “tudo isso de pouco vale ao lado da teoria do valor e preço, que constituem, por assim dizer, a própria expressão de sua personalidade” (Schumpeter, 1970, p.94).

### 3.3. A metodologia de Menger para a ciência econômica

A questão da metodologia da ciência econômica é central na batalha científica travada entre Schmoller e Menger. Schmoller ignorava o método dedutivo acreditando ser apenas o método indutivo válido para a ciência econômica. Menger acreditava que o método dedutivo seria mais produtivo e, em 1883, lança seu livro sobre o método nas ciências sociais e na política econômica onde defende suas idéias metodológicas que seriam reafirmadas por ele em *Die Irrtümer des Historismus in der deutschen Nationalökonomie*, de 1884.

Menger discordava do enfoque orgânico da economia nacional defendido por Schmoller e da sua idéia do papel do Estado na economia, sendo a favor do liberalismo econômico e do individualismo metodológico. Segundo Feijó (2001), para Menger, a comparação entre os sistemas político e econômico seria importante ao estabelecer uma visão global dos fenômenos econômicos, mas não se deveria, com isso, pretender estudar o campo das ciências humanas entendendo-o como um processo orgânico. Todos os fenômenos econômicos seriam reduzidos aos fatos singulares dos indivíduos, sendo, simplesmente, o resultado de inúmeros esforços econômicos individuais. A idéia do individualismo de Menger também é apresentada em Wentzel (1999):

---

<sup>26</sup> Tradução: Investigações sobre o Método nas Ciências Sociais e em Especial na Economia Política

<sup>27</sup> Tradução: Dicionário das Ciências Políticas

A compreensão do estudo de economia como um complexo organizado por mercados individuais interligados economicamente manifesta um individualismo metodológico. Isso foi encarado por Menger como contraparte ao conceito de organismo integrado e holístico que ele atribuía a Schmoller<sup>28</sup> (Wentzel, 1999, p. 273, tradução da autora)

A influência de Aristóteles é visível em Menger na importância que ele deu à causalidade e no Essencialismo Metodológico, que é definido por Popper (1980) como a pesquisa científica que deve penetrar na essência das coisas para explicá-las, esperando que uma resposta penetrante a essas questões profundas possa revelar o significado real desses termos e com isso a natureza real ou verdadeira das essências denotadas por eles. Os fenômenos econômicos seriam compreendidos quando o teórico se volta aos fatores constitutivos, simples e originais, pensados isoladamente.

Percebe-se a influência aristotélica também na análise entre essência e aparência que serve para compreendermos a natureza do valor em Menger (1985). O valor não seria algo inerente aos bens, mas ele existiria quando estamos conscientes de que eles podem satisfazer às nossas necessidades, seria a importância que atribuímos à satisfação de nossas necessidades e que transferimos aos bens econômicos. Menger buscou identificar um princípio de causalidade subjacente a todas as coisas. Para ele uma lei de causa e efeito comanda todos os fenômenos econômicos e rege também nossa personalidade e a passagem da mente de um estado para outro. No indivíduo, as causas operam na transformação de necessidade para outro de satisfação. Os bens seriam coisas capazes de serem colocadas emnexo causal com a satisfação das necessidades.

Menger defendia a separação entre teoria econômica e economia aplicada, segundo Feijó (2001):

A função da ciência econômica não é a de fornecer uma coleção incompleta e arbitrária de informações teóricas úteis organizadas em princípios externos; pelo contrário, ela tem a tarefa de

---

<sup>28</sup> Original: *Das Verständnis der Volkswirtschaftslehre als organisierter Komplex von ökonomisch verbundenen Einzelwirtschaften bringt einen methodologischen Individualismus zum Ausdruck. Dieser wurde von Menger bewusst als Gegenstück zu einen ganzheitlichen, holistischen Organismuskonzept vertreten, welches er Schmoller zuschrieb.*

organizar todos os resultados da investigação científica relacionados à economia em um sistema bem articulado intrinsecamente coerente. E o melhor meio de alcançar essa meta será separando as ciências teóricas das aplicadas (Feijó, 2001, p. 401).

Menger pretendia resolver um problema de demarcação da pesquisa com *Untersuchungen*, onde ele diferenciou a ciência social em histórica, teórica e prática. A ciência histórica teria a tarefa de investigar e descrever a natureza individual e a conexão individual do fenômeno econômico. A tarefa da economia teórica consistiria em investigar e descrever a natureza geral e a conexão geral dos fenômenos. A ciência prática da economia investigaria e descreveria os princípios básicos para a ação adaptados às várias condições no campo da economia.

Nesse sentido eu disse que o *historiador e o estatístico* deveriam pesquisar e apresentar as manifestações concretas da vida das pessoas e suas relações concretas em tempo e espaço (o primeiro sobre os pontos de vista do desenvolvimento, o último sobre os da caracterização!), o *teórico*, as formas de manifestação da vida das pessoas e as leis das manifestações dos mesmos (os tipos e as relações típicas das manifestações da humanidade), e o encarregado das ciências políticas e sociais *práticas*, os princípios para as atividades adequadas à área das manifestações políticas e sociais.<sup>29</sup> (Menger, 2007, p. 17 e 18, tradução da autora)

Essa sistematização foi parte originária da teoria de Menger. A linha de pesquisa científica histórica seria usada para casos individuais com os mecanismos da estatística econômica e da história econômica. Para os casos gerais da economia se usaria a linha de pesquisa científica teórica. A linha de pesquisa científica teórica usa teorias realistas empíricas, para tipos reais e para leis realistas empíricas, além de teorias exatas, para

---

<sup>29</sup> Original: *Im diesem Sinne sagte ich, dass der Geschichtsschreiber und Statistiker die concreten Erscheinungen des Menschenleben und ihre concreten Beziehungen in Raum und Zeit (der erstere unter dem Gesichtspunkte der Entwicklung, der letztere unter jenen der Zuständigkeit!), der Theoretiker die Erscheinungsformen des Menschenlebens und die Gesetze der Erscheinungen des letzteren (die Typen und die typischen Relationen der Menschheitserscheinungen) der Bearbeiter der praktischen Staats- und Socialwissenschaften aber die Grundsätze zum zweckmässigen Handeln auf dem Gebiete der Staats- und Gesellschafterscheinungen zu erforschen und darzustellen habe.*



tipos exatos e para leis exatas. Ele queria criar possibilidades de ligações entre as áreas científicas histórica, teórica e prática, fundamentou a delimitação dessas áreas para poder concretizar suas tarefas e objetivos para a ciência econômica: ter leis como base de sua teoria.

Menger considerou que as leis empíricas são testadas pela realidade vista em sua total complexidade. Dessa realidade complexa pode-se chegar a seus elementos mais simples que são regidos pelas leis exatas. Para ele, a economia teórica, como uma ciência semelhante às ciências naturais, possuiria leis com a garantia do absoluto que são obtidas através da investigação teórica com os elementos mais simples e estritamente típicos.

Com aplicação de lógica pura se derivam leis exatas. Essas ele denominava como sendo precisas, sem exceções e aplicáveis a fatos complexos. A linha realista empírica se baseia em tipos reais e se aplica às leis realistas empíricas extraídas da experiência. Essas seriam menos precisas, não sem exceções e aplicáveis apenas para fatos simples<sup>30</sup> (Wentzel, 1999, p.275, tradução da autora).

Em *Grundsätze*, Menger lidou com o objeto econômico sob orientação teórica, onde examina a essência do fenômeno econômico, fornecendo um conhecimento que transcende a experiência imediata. Preocupou-se em identificar as relações, a estrutura interna e as leis de fenômenos econômicos típicos genericamente determinados, para isso, usa o método analítico-compositivo, que consiste em isolar analiticamente o fenômeno real complexo em seus elementos e reagrupar esses elementos em fatos econômicos elementares.

A teoria lida com a forma, com os tipos exatos e as relações típicas e identifica leis exatas que são sentenças sobre seqüências invariáveis. Tais leis representam construções de nossa mente, mas são descrições das configurações eternas da vida

---

<sup>30</sup> Original: *Unter Anwendung reiner Logik lassen sich exakte Gesetze ableiten. Diese bezeichnete er als streng, ausnahmslos und auf komplexe Sachverhalte anwendbar. Die empirisch-realistische Richtung basiere auf Realtypen und wende die aus der Erfahrung gewonnenen empirisch-realistischen Gesetzen an. Diese seien weniger streng, nicht ausnahmslos und nur auf einfache Sachverhalte anwendbar.*

econômica que possuem conceitos universalmente válidos. A direção exata forma tipos exatos, postula condições e formula suposições para seus moldes. De acordo com Feijó (2001), derivam-se leis exatas com a aplicação de pura lógica que para Menger seriam precisas, sem exceção e aplicáveis a fatos complexos. A economia teórica seria uma ciência semelhante às ciências naturais. Para ambas é possível uma orientação exata. Leis com a garantia do absoluto são obtidas através da investigação teórica que começa com os elementos mais simples e estritamente típicos.

A direção realista empírica é definida por Feijó (2001), como baseada em tipos reais e se aplica a leis realistas empíricas extraídas da experiência. Essas são menos precisas, não são sem exceção e são aplicáveis apenas para fatos simples. Sob influência aristotélica, Menger negou o caráter estritamente científico da indução, mas considerou que o ponto de vista realista empírico serve para uma definição dos tipos reais, identificando as formas básicas do fenômeno real, e até mesmo para a obtenção de leis empíricas que mostrem regularidades reais.

As leis realistas empíricas estabeleceriam generalizações empíricas estáveis. A observação histórica permitiria estabelecer leis empíricas sobre as atividades humanas, mas seriam sujeitas a exceções. Menger considerou que as leis empíricas são testadas pela realidade vista em sua total complexidade. Dessa realidade complexa se poderia chegar a seus elementos mais simples que seriam regidos pelas leis exatas.

O exercício de abstração e isolamento de um aspecto da realidade também foi analisado por Menger, ele considerou a abstração como essencial para a teoria econômica nas formulações exatas, servindo-se do método analítico-compositivo. A abstração seria uma necessidade para o conhecimento econômico através da decomposição de fenômenos complexos em seus fatores elementares.

Referente à necessidade da abstração, Menger formulou a opinião de que seria um equívoco exigir a análise total dos acontecimentos. A teoria exata queria muito mais analisar apenas um aspecto da realidade e não caracterizar globalmente

determinado aspecto<sup>31</sup> (Wentzel, 1999, p.279, tradução da autora).

Devemos também abstrair os fatores que inibem o trabalho dessa causa única para que se possa estudar o fenômeno em sua forma pura. Em *Untersuchungen*, Menger identifica quatro fatores perturbadores: ignorância, erro, força externa e grau em que as pessoas se deixam guiar pelo impulso. À ciência econômica cumpre abstrair todos os impulsos fundamentais, exceto o de natureza econômica. A disciplina teórica exata da economia abstrai os fatores perturbadores. Erros, incertezas e acidentes determinam os preços e não podem ser descartados da economia histórica e empírica, já a teoria exata do valor subtrai esses elementos.

Segundo Wentzel (1999), para Menger a tese de que a abstração seria uma necessidade para o conhecimento econômico possui aplicação concreta e coloca ainda a questão de como ele tratou a abstração em relação à realidade das premissas do ponto de vista da sua teoria, a respeito disso foi apresentado o problema do engano. Poderia acontecer de o homem se afastar do caminho previsto pela lei exata devido à ignorância dos agentes e à incerteza na economia, considerando a diversidade dos fatores na economia. Seria, assim, um equívoco testar empiricamente leis exatas.

O aspecto da ignorância e do erro dos agentes econômicos e as conseqüências disso na comprovação empírica das teorias exatas também é apresentado em Feijó:

Sua teoria atribui, por exemplo, grande importância à ignorância dos agentes e à incerteza. A teoria econômica exata concentra-se em estudar a ação racional movida pelo auto-interesse. Todavia, o teórico deve reconhecer as situações nas quais o indivíduo erra, por não perceber seus próprios interesses econômicos ou por ignorar as condições econômicas que rodeiam sua ação. O homem pode perfeitamente afastar-se do caminho previsto pela lei exata. As predições da lei exata quanto ao comportamento do agente têm um limite de aplicabilidade. Contudo, isso não nega a existência ontológica, apenas afirma a necessidade de justapor a análise histórica à teoria econômica pura. (Feijó, 2001, p. 398)

---

<sup>31</sup> Bezüglich der Notwendigkeit der Abstraktion formulierte Menger die Auffassung, dass es ein Irrtum sei, die Analyse des Gesamtgeschehens zu fordern. Vielmehr wolle die exakte Theorie nur einen bestimmten Aspekt der Realität analysieren und keinen Einzelaspekt umfassend darstellen.

Os elementos do processo dedutivo são descrições da essência ontológica do fenômeno, são as formas empíricas típicas, obtidas não pela indução, mas pelo processo de abstração que isola os elementos típicos. As proposições analíticas exatas, não testáveis empiricamente, são complementadas pela ciência histórica da economia. A observação histórica permitiria estabelecer leis empíricas sobre as atividades humanas que são sempre sujeitas a exceções já que os homens possuem liberdade de escolha.

Também é apresentada em Wentzel (1999) a tese de Menger de que a irrealidade ou a falsidade dos pressupostos não seria relevante para as teorias exatas. Sua consideração a essa tese tomou como base a opinião de que também com ajuda de pressupostos falsos se poderiam esclarecer contextos reais já que a teoria exata formula suposições através de pura lógica. Em *Irrtümer*, Menger deu ênfase ao significado da análise dedutiva racional na teoria econômica:

Quem considera os resultados da pesquisa histórica como o fundamento empírico exclusivo da teoria econômica e das ciências práticas da economia, desconhece o significado de todos os fundamentos empíricos restantes, principalmente a dos fundamentos racionais da linha teórica e prática da busca do conhecimento na área da economia.<sup>32</sup> (Menger, 2007, p. 48, tradução da autora)

Assim, apenas os resultados de pesquisas realistas poderiam ser comprovados empiricamente, mas não os de pesquisas exatas. Menger defendia que muitas vezes seria difícil a comprovação empírica das teorias em razão da diversidade dos fatores. As leis exatas não admitiriam exceção, sendo irrelevante e equivocado testá-las empiricamente já que são obtidas pela lógica, por dedução de condições e hipóteses.

---

<sup>32</sup> Original: *Wer die Ergebnisse der historischen Forschung als die ausschliessliche empirische Grundlage der theoretischen Nationalökonomie und der praktischen Wissenschaften von der Volkswirtschaft auffasst, verkennt die Bedeutung aller übrigen empirischen, überdies aber jene der rationellen Grundlagen der theoretischen und praktischen Richtung des Erkenntnisstrebens auf dem Gebiete der Volkswirtschaft.*

## 4. A Batalha dos Métodos

### 4.1. O desenvolvimento da Batalha

Como já foi visto, a Escola Histórica Alemã surgiu em meados do século XIX, com publicações de Wilhelm Roscher, dando ênfase ao método indutivo e à história, com influências de Friedrich List, enquanto os clássicos, principalmente ingleses, formularam leis econômicas utilizando principalmente a dedução. Segundo Hugon (1984), à medida que a ciência econômica se desenvolvia, alguns autores alemães começaram a observar um divórcio entre a teoria e a realidade. Enquanto a teoria indicava a uniformidade nos fenômenos econômicos, a realidade apresentava uma diversidade crescente de fenômenos econômicos e uma relação cada vez mais estreita entre o econômico e o social. O método histórico vai-se desenvolver como uma reação de maneira precisa com apelo à história e influência da escola histórico-jurídica, que tem oposição ao cosmopolitismo e ao perpetualismo, tudo se transforma sem cessar no decurso da história e se modifica frente aos elementos sociais. Desta forma, acreditaram ser importante estudar o passado salientando a importância da história e da observação da realidade, imaginando que separando a economia política da realidade perde-se a sua utilidade.

Com seu nacionalismo e a glorificação do Estado, a Escola Histórica Alemã promoveu a unificação alemã e o crescimento econômico. A tarefa de coletar material factual descritivo e histórico era considerada por Schmoller como prioritária e mais importante que a teorização dedutiva. A Antiga Escola Histórica não condenava por inteiro o uso do método abstrato dedutivo, Roscher reconhece o valor da abstração em certos estágios preparatórios do estudo. Entretanto, é conferido à abstração apenas um papel complementar e as leis imutáveis da natureza humana estão fora de cogitação.

Menger teve influência do pensamento histórico alemão, na medida em que a Áustria, até então, não tinha tradição no campo da ciência econômica, a economia era ensinada por professores alemães influenciados pela Escola Histórica e pela sociologia.

Em 1871, Menger publica sua principal obra em economia, *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre*, na qual, embora crítico, ele respeitava a escola histórica alemã, mas almejava uma teoria alternativa, prova disso é que ele dedicou o livro a Roscher, representante da Antiga Escola Histórica.

Nos anos que se seguiram à publicação de *Grundsätze*, Menger passou a exercer grande influência na vida pública austríaca e a doutrina de seu livro começou a despertar maior atenção. Sua teoria, entretanto, não conseguia penetrar nos círculos acadêmicos alemães, onde havia pouca aceitação de sua obra. A economia política teórica praticamente havia sido banida das universidades alemãs, completamente submetidas ao domínio da escola histórica sob a influência de Schmoller, que considerou inútil o tipo de análise desenvolvida por Menger. A Escola Histórica Alemã criticava o método abstrato da economia política clássica e não diferenciava Menger dos economistas clássicos. A obra de Menger, assim, era vista pelos historicistas como igualmente abstrata e inútil.

De acordo com Feijó (2001), o historicismo cuidava de estudar prioritariamente a nação, a moral e o papel do governo, opondo-se, com seu método, ao pensamento abstrato da economia clássica. Eles argumentam que as leis econômicas não são absolutas e não podem ser deduzidas abstratamente de pressupostos ideais. As leis são sempre relativas às instituições e são obtidas pelo método indutivo a partir de dados históricos. Assim, não há verdade absoluta nas leis econômicas, cada povo e cada época têm suas particularidades.

Menger logo percebeu o motivo do principal obstáculo às suas idéias: o método amplamente dominante da Escola Histórica e não poupou esforços em mostrar à Alemanha a importância de suas pesquisas teóricas. Tornou-se para ele muito importante defender seu método contra a pretensão da escola histórica de possuir o único instrumento adequado para a pesquisa econômica. Para tanto passou a concentrar-se em questões metodológicas.

Schumpeter (1951) observa que a derrota do liberalismo aconteceu na Alemanha em consequência da forte tendência de o indivíduo apegar-se à herança da tradição filosófica e histórica. Pouco mais que a fachada da política social e econômica da teoria clássica foi transmitida à geração seguinte, bloqueando-se o caminho para o estudo da estrutura interna. Para ele, a realização do analista não consiste no enunciado que

expressa o princípio, mas em descobrir como transformá-lo fecundo e dele derivar os problemas da ciência. Menger, contudo tornou-se professor e esperou que o tempo lhe trouxesse as honras que merecem os cientistas. Na Alemanha foi ignorado porque o campo era dominado pela política social e por pesquisas sobre detalhes da história econômica. Menger percebeu que na Alemanha não era tanto a sua teoria, mas todas que eram rejeitadas:

Isso o levou a aceitar a batalha para por a análise teórica nos assuntos sociais no lugar que, de direito, lhe pertencia. À batalha – conhecida apropriadamente como *Methodenstreit* - desenvolveu a obra sobre a metodologia das Ciências Sociais, em que ele tentou, com sistemática exaustividade e em formulações ainda não superadas até hoje, limpar o campo da pesquisa exata da vegetação rasteira da confusão metodológica. (Schumpeter 1951, p.92)

Em 1883, quando o método histórico chegava ao ápice, Menger publicou seu livro sobre metodologia: *Untersuchungen*, no qual defende a análise teórica e dá pouca importância para a escola de Schmoller. O livro de fato sensibilizou alguns teóricos alemães demonstrando uma profunda compreensão da natureza dos fenômenos sociais à luz do individualismo metodológico, mas Schmoller reviu o livro de maneira desfavorável em seu *Jahrbuch*.

*Untersuchungen* foi uma crítica aos propósitos metodológicos da Escola Histórica Alemã Recente. A obra trata da natureza da teoria e das leis econômicas, apresenta o papel da análise histórica, a visão orgânica dos fenômenos sociais, as consequências sociais da ação individual não intencionais ou não previstas e estuda a escola histórica e a evolução do historicismo. O livro continha argumentos de significância geral ampla, mas estava diretamente relacionado à controvérsia entre alemães e austríacos que não era apenas metodológica, mas envolvia também motivações filosóficas e políticas. Feijó (2001) identifica cinco temas principais na disputa: a natureza e a origem das instituições sociais, o método pelo qual elas deveriam ser estudadas, a natureza e os propósitos da ciência econômica, as conclusões políticas da investigação nesse domínio e o papel da escola histórica na política econômica alemã.

Com a separação entre ciência histórica, teórica e prática, Menger procura esclarecer as diferenças entre a sua abordagem em *Grundsätze* e outras abordagens. Para ele, não incorremos no erro historicista se soubermos separar as três orientações principais da pesquisa.

No mesmo ano de sua publicação, Schmoller, tido como principal alvo de suas críticas, faz considerações negativas em relação à obra de Menger. Este considerou os escritos de Schmoller como uma tentativa de refutação a suas teses e decidiu assim estender sua investigação metodológica, em 1884, com: *Die Irrtümer des Historismus in der deutschen Nationalökonomie*, resposta de Menger às críticas de Schmoller.

O ensaio teve grandes repercussões, identificando explicitamente Schmoller como seu alvo principal e usando tons polêmicos e sarcásticos. Não apresentou inovações conceituais, apenas desenvolvendo e completando os pontos temáticos que aparecem em *Untersuchungen*. Menger estava consciente de que o sucesso de suas próprias idéias entre a cultura alemã ligava-se ao resultado de sua disputa com a figura que havia se tornado o expoente com maior autoridade e influência entre os alemães. Outro elemento de *Die Irrtümer* foi estender o termo historicista de maneira pejorativa para toda a escola histórica, apesar de o próprio Menger conhecer as diferenças entre Schmoller e a Escola Histórica Recente e os primeiros expoentes da Escola Histórica Antiga:

Eu teria quase esquecido de mencionar que eu não apenas designei Knies como o mais eminente metodologista dos economistas da Escola Histórica e designei os mais novos em consideração ao método dessa Escola apenas como descendentes do mesmo; eu mencionei entre estes últimos também a Schmoller e de fato verdadeiramente em posição secundária. Em posição secundária a ele, o editor-chefe de “sua” Revista Anual! Eu imprudente não apenas lhe recusei o habitual louvor como ofendi diretamente as considerações, as quais eu fui culpado de sua posição privilegiada e com isso ativei certa aparente vulnerabilidade.<sup>33</sup> (Menger, 2007, p.81, tradução da autora)

---

<sup>33</sup> Original: *Doch ich hätte fast zu erwähnen vergessen, dass ich Knies nicht nur als den hervorragendsten Methodiker der historischen Schule deutscher Volkswirthe und die Neuern in Rücksicht auf die Methodik dieser Schule nur als Epigonen desselben bezeichnete; ich habe unter diesen letzteren, und zwar wahrheitsgemäss an secundärer Stelle, auch Schmoller genannt; an secundär Stelle ihn, den Herausgeber „seiner“ Jahrbücher! Ich Tollkühner habe ihm nicht nur den gewohnten Loben tribut verweigert,*



Menger (2007) acusou Schmoller de má interpretação da sua obra. Afirmou que Schmoller critica a sua obra, assim como combateu, não exatamente da mesma forma, cada adversário científico, apenas por vaidade ferida. Deixando-o muitas vezes como tendo dito o contrário do que ele realmente disse e antepondo-lhe coisas que ele mesmo afirmou.

Em *Die Irrtümer*, Menger fez críticas às idéias de Schmoller mostrando qual seria o verdadeiro papel da história nas ciências econômicas. A comparação entre diferentes sistemas políticos e econômicos é importante ao estabelecer uma visão global dos fenômenos econômicos, mas não se deve com isso pretender estudar o campo das ciências humanas estendendo-o em analogia a um organismo natural em que se pudesse aplicar o método da anatomia e da fisiologia.

Menger também se defendeu de acusações de Schmoller, que não diferenciava teoria do “manchesterismo”, isto é, do *laissez-faire* incondicional:

Permita-me, meu amigo, defender-me da acusação de Schmoller de que eu seja um seguidor do partido de Manchester ou de um tal de “Misticismo do Espírito do Povo de Savigny”. Ambas acusações são sem fundamento. (...) Eu gostaria de dedicar minha pouca força à pesquisa daquelas leis, de acordo com as quais se organiza a vida econômica dos homens, nada fica mais distante da minha linha do que o serviço no interesse do capitalismo. Nenhuma acusação de Schmoller é mais contrária à verdade, nenhuma recriminação é mais frívola do que a de que eu seria um seguidor do partido de Manchester.<sup>34</sup> (Menger, 2007, p. 82 e 83, tradução da autora)

Para Menger, os economistas históricos se limitavam a descrever a origem e o desenvolvimento do fenômeno social, analisando fenômenos econômicos complexos e

---

*sondern geradezu die Rücksichten verletzt, welche ich seiner privilegierten Stellung schuldig war und damit offenbar gewisse Empfindlichkeit rege gemacht.*

<sup>34</sup> Original: *Erlassen Sie mir, mein Freund, mich gegen den Vorwurf Schmoller's zu vertheidigen, dass ich ein Anhänger der Manchesterpartei oder ein solcher des „Mysticismus des Savigny'schen Volksgeistes“ sei. Beide Vorwürfe sind vollständig aus der Luft gegriffen. (...) Ich möchte meine geringe Kraft der Erforschung jener Gesetze widmen, nach welchen das wirtschaftliche Leben der Menschen sich gestaltet; nichts liegt indess meiner Richtung ferner, als der Dienst im Interesse des Capitalismus. Keine Beschuldigung Schmoller's ist wahrheitswidriger, kein Vorwurf frivoler, als dass ich ein Anhänger der Manchesterpartei sei.*

não observando as suas causas psicológicas e seus elementos componentes últimos que ainda estariam acessíveis a verificação perceptiva, isto os impossibilitava de fornecer uma compreensão teórica dos eventos econômicos. Os adeptos da escola histórica consideram como única meta legítima do estudo econômico a descrição de eventos econômicos concretos e de regularidades externas em suas relações, tal procedimento teria conferido má reputação à análise teórica na Alemanha.

Segundo Feijó (2001), Menger procurava esclarecer tais questões através de sua classificação sistemática da ciência econômica. A Escola Histórica não prestaria atenção ao caráter diferenciado dos problemas que confrontam as ciências da história e da estatística de um lado e a teoria econômica de outro e também não levaria em consideração as diferenças essenciais entre esses ramos de investigação dentro do campo da economia política. Eles confundiriam o método da investigação histórica com o método histórico em teoria econômica e em economia aplicada. Também interpretariam mal o lugar específico das questões de economia aplicada dentro do complexo de problemas a serem resolvidos pela análise teórica.

A Escola Histórica Alemã foi criticada ao pretender ser uma ciência universal da economia que não separa suas várias disciplinas específicas. O tratamento independente da história e da teoria econômica seria importante, fatos históricos e estatísticos deveriam ser usados como ciências auxiliares na construção dos fundamentos da teoria. Menger (2007) falou da superestimação do estudo histórico nas áreas da economia política feita pela Escola Histórica e que não se pode confundir um material histórico-estatístico ordenado para categorias científicas específicas com a economia política. Ele acusa os historicistas de restringirem a pesquisa econômica validando-a apenas em função de uma única meta, a mera compilação de estudos históricos, estatísticos, teóricos, morfológicos e práticos, com base em princípios externos de classificação.

Menger conclui *Die Irrtümer* deixando para o tempo decidir quem seria o vencedor da batalha:

O futuro, e de fato como eu espero, um futuro não muito distante, vai decidir se Schmoller acabou com a minha investigação metodológica ou se eu acabei com o método de Schmoller. Quase parece que o desenvolvimento até aqui da nova animada batalha metodológica, travada através do meu “Investigações”, leva a o editor-chefe da Revista Anual de

Berlin a *toga picta* e a *tunica palmata* ter investido em algum modo precipitado, sim, a Escola Histórica, cujo rugido do leão ele representa, teria se revelado um mal serviço.

A mim compensará por meu humilde esforço a consciência, no campo da economia alemã, em mais de uma consideração, de ter realizado uma boa obra.<sup>35</sup> (Menger, 2007, p.86 e 87, tradução da autora)

De acordo com Brue (2005), Schmoller recebeu uma cópia do panfleto de Menger para revisão em seu *Jahrbuch*, mas imprimiu uma nota afirmando ser incapaz de revisá-lo porque tinha devolvido imediatamente ao autor. Schmoller o devolveu juntamente com uma carta insultosa.

A ênfase dada por Schmoller à pesquisa histórica foi repetida em sua obra *Die Volkswirtschaft, die Volkswirtschaftslehre und ihre Methode*<sup>36</sup>, publicada em 1894, onde ele coloca que o próprio Menger admite que as instituições econômicas mais importantes, como a propriedade, o dinheiro e o crédito, possuem tanto natureza individual como a parte histórica de sua existência. Conseqüentemente, aquele que conhece a essência desses fenômenos somente em uma fase de sua existência não os conhece de forma alguma e esses, após serem cristalizados em leis, tendem a dominar permanentemente o processo econômico.

O historicismo alemão concebe a sociedade como uma totalidade orgânica e natural. Ele considera o corpo social um dado e procura examiná-lo empiricamente pelo método indutivo e comparativo. Já Menger constrói uma ontologia antagônica do historicismo. Sua ênfase recai no papel dos indivíduos na formação social e vê a sociedade como produto involuntário das escolhas individuais. As instituições seriam, para ele, conseqüências não intencionais da ação humana. Sobre as instituições, é salientado em Oser & Blanchfield (1963), que para Schmoller, ao contrário, elas seriam

---

<sup>35</sup> Original: *Die Zukunft, und zwar, wie ich hoffe, eine nicht allzu ferne Zukunft, wird darüber entscheiden, ob Schmoller mit meinen methodologischer Untersuchungen, oder ich mit den Methodiker Schmoller „fertig“ geworden. Fast scheint die bisherige Entwicklung des durch meine Untersuchungen neu angeregten methodologischen Streites darauf hinzudeuten, dass der Herausgeber des Berliner Jahrbuches die toga picta und die tunica palmata und etwas voreiliger Weise angelegt, ja der historischen Schule, als deren brüllender Löwe er auftrat, einen bösen Dienst erwiesen habe.*

*Mich aber wird für meine geringe Mühe das Bewusstsein entschädigen, auf dem Gebiete der deutschen Nationalökonomie, in mehr als einer Rücksicht, ein gutes Werk gethan zu haben.*

<sup>36</sup> Tradução: A Economia Política, o Estudo de Economia e seu Método

o produto da sociedade, dos costumes e das leis, se reconhecêssemos somente interesses egoístas na orientação econômica, essa seria uma batalha constante, uma anarquia.

A justiça no sistema econômico seria realizada por uma política paternalista de reforma social empreendida pelo Estado e por todos os grupos sociais. Schmoller acreditava que os julgamentos de valor ético deveriam ser encorajados. O princípio motor da reforma social de Schmoller era uma distribuição de renda mais eqüitativa. Ele justificava tarifas com base no argumento da indústria nascente de List e dizia que o protecionismo surgia do instinto natural do povo. Ainda considerava as tarifas como armas internacionais que poderiam beneficiar um país, se usadas habilidosamente.

Schumpeter (1964) considera a Batalha dos Métodos do ponto de vista da produção científica econômica como uma história de energias desperdiçadas, que poderiam ter sido usadas de forma mais proveitosa em outros assuntos, apesar de algumas contribuições no sentido de esclarecimento de fundamentos lógicos. Segundo ele, a discussão era referente à procedência e importância relativa e poderia ter sido resolvida deixando que cada tipo de trabalho encontrasse o lugar a que o seu peso o credenciasse.

Schmoller teve inúmeros estudos históricos publicados, mas não chegou a criar uma teoria econômica e sua principal contribuição está na área da História Econômica. Segundo Hugon (1995), através da história, estatística e da monografia, o método histórico observa o real levando em conta a evolução e a sua relatividade. A Escola Histórica introduz uma nova concepção na economia, a concepção de relatividade. O relativismo vai moderar o ponto de vista mecânico que isolava a atividade do homem do meio ambiente real. A concepção orgânica realçou a solidariedade existente entre a atividade e o meio na qual se desenvolve. Com isso, a reação histórica abriria caminho para duas correntes econômicas importantes: a sociológica e a institucionalista. Menger, por sua vez, influenciou gerações de austríacos e sua obra é até hoje considerada de grande importância para a ciência econômica.

## **4.2. Consequências que a Batalha trouxe à ciência econômica: uma análise de Popper e dos Institucionalistas**

Após a Batalha dos Métodos, na prática científica se viu a teoria pura em seu manifesto neoclássico dominar a pesquisa empírica. Essa situação modificou-se com o tempo, considerando, por exemplo, os objetivos e as opiniões teóricas gerais dos representantes da teoria Institucionalista, com forte influência historicista, apesar de existirem diferenças em relação à base metodológica. Entretanto, a teoria do valor neoclássica é até hoje importante para a pesquisa e estudo de economia.

Nesta parte do trabalho, pretendemos analisar de maneira sucinta duas vertentes influenciadas pela Batalha dos Métodos na ciência econômica: A Miséria do Historicismo, obra de Popper de 1957, onde ele defende o método dedutivo em relação ao indutivo, sendo contrário ao método historicista; e o trabalho de Abramovay, 2001, Desenvolvimento e Instituições: a Importância da Explicação Histórica, cujo próprio título faz referência à influência da história na teoria Institucionalista.

Popper (1980) critica o holismo, defendido por Schmoller e pelos representantes do Historicismo argumentando que não é possível observar ou descrever uma porção integral do mundo ou da natureza. Por isso, nada pode ser descrito como um todo, porque qualquer descrição seria necessariamente seletiva.

Segundo ele, os holistas historicistas asseguram que o método histórico é adequado para o tratamento dos todos no sentido de totalidades. Essa asserção se apoiaria, contudo, num mal-entendido que resulta da crença, segundo a qual a História, ao contrário das ciências teóricas, se interessa por eventos individuais e por individuais personalidades, antes que por leis gerais abstratas. Para ele, na verdade, a História, à semelhança de qualquer outra espécie de investigação, só poderia manipular selecionados aspectos do objeto pelo qual se interessa. Seria errado acreditar que pudesse haver uma história no sentido holista, pois cada história escrita é história de um certo e limitado aspecto do desenvolvimento global e seria sempre história muito incompleta, até mesmo em relação ao particular e incompleto aspecto selecionado.

O termo Racionalismo Crítico é usado para descrever a filosofia de Popper. Os representantes do racionalismo crítico proferiram que a experiência teria apenas uma função crítica no sentido de verificar pela realidade as proposições teóricas inferidas através de dedução. Popper (1980) entendia que as teorias precedem as observações e os experimentos, no sentido de que estes últimos só adquirem significado com respeito a problemas teóricos. Assim, é preciso que exista uma indagação antes de podermos esperar que a observação e o experimento nos ajudem a respondê-la. O ensaio haveria de vir antes do erro. A teoria ou a hipótese, que sempre é provisória, faz parte da tentativa, ao passo que a observação e o experimento nos auxiliam a afastar teorias, mostrando em que pontos apresentam falhas. Segundo suas próprias palavras:

Não creio, portanto, no ‘método da generalização’, isto é, na concepção segundo a qual a ciência parte de observações, das quais deriva suas teorias, por meio de recurso ou processo de generalização ou, da indução. Entendo, ao contrário, que o papel da observação e do experimento é o papel mais modesto de auxiliar-nos a submeter a teste as teorias e afastar aquelas que não resistem aos testes. (Popper, 1980, p.77)

O autor argumentou que a teoria científica seria sempre provisória. Não seria possível confirmar a veracidade de uma teoria pela simples constatação de que os resultados de uma previsão se verificaram. Essa teoria deverá gozar apenas do estatuto de uma teoria não, ou *ainda não*, contrariada pelos fatos. O que a experiência e as observações do mundo real poderiam e deveriam tentar fazer seria encontrar provas da falsidade daquela teoria. Este processo de confronto da teoria com as observações poderá provar a falsidade da teoria em análise. Nesse caso, deve-se eliminar essa teoria que se provou falsa e procurar outra teoria para explicar o fenômeno em análise.

Segundo Lakatos (1999), pela lógica do falsificacionismo dogmático, a ciência se desenvolve através da destruição repetida de teorias com o auxílio de fatos sólidos. A resposta a uma questão científica ou a solução de um problema levanta novas questões e problemas os quais impulsionam de novo o progresso do conhecimento. A questão de quando um problema está satisfatoriamente resolvido é vista sempre diante do pano de fundo da impossibilidade de últimos esclarecimentos. Através dessa convicção, não haveria sentido procurar por últimas respostas e esclarecimentos porque a ciência não dispõe de critérios que indiquem quando se trata de um último esclarecimento.

Em relação às leis econômicas serem consideradas separadas do contexto geral, pode ser argumentado que também nas ciências naturais a verificação das teorias não é garantida sem exceção. A utilização do pressuposto do *ceteris paribus*, referente a potenciais fatores influenciáveis, seria necessária tanto para acontecimentos naturais como para fenômenos sociais. Esclarecimentos econômicos e verificações exigiriam uma especificação de condições de aplicação que é delimitada pelo grau de generalidade da teoria. O autor argumenta:

Examinemos, agora, a idéia historicista de que não podemos, em Ciências Sociais, supor haver uma lei verdadeiramente universal – pois não estamos habilitados a saber se a validade da lei se estende para outros períodos, diversos daquele período em que essa validade foi estabelecida. Esse ponto pode ser aceito, mas apenas na medida em que também se aplica ao caso das Ciências Naturais. Nas Ciências Naturais não podemos, é claro, ter certeza se as leis são, de fato, universalmente válidas, ou se vigem apenas em dado período (digamos: no período em que se dá a expansão do universo) ou em dada região (digamos: em uma região em que os campos gravitacionais sejam comparativamente fracos). (Popper, 1980, p. 80)

Popper (1980) conclui a sua obra falando do apelo emocional dos historicistas no sentido de que todas as versões do historicismo comunicariam a sensação de estarmos sendo arrastados para o futuro por forças irreversíveis e questiona-se se não seriam os historicistas que se amedrontam com a transformação apegando-se à crença de que é possível antecipar a mutação.

Percebe-se que a solução de Popper para a questão do método é que o método dedutivo é considerado de maior importância, tendo a experiência e observação apenas papel auxiliar. Schmoller acreditava que seria possível demonstrar a realidade por proposições indutivas, não aceitando argumentos puramente dedutivos. Menger recusou a indução como procedimento científico da teoria pura, ele não aceitou a experiência como base de crítica da pesquisa exata. A solução do autor para o problema indutivo é que ele prova empiricamente não a verdade, mas o erro de uma teoria que deveria ser formulada pelo método dedutivo.

No trabalho de Abramovay (2001) é apresentada a visão institucionalista do desenvolvimento e algumas de suas conseqüências metodológicas. Segundo ele, os

trabalhos de Douglass North e dos representantes da corrente institucionalista, promovem uma tríplice ruptura com o pensamento neoclássico através da explicação histórica. Em primeiro lugar, a teoria Institucionalista coloca as instituições, a organização e as representações mentais no centro da própria sociedade humana ao invés das unidades autônomas, independentes e soberanas. O que permite encarar o desenvolvimento como resultado histórico de certas formas determinadas de coordenação e é contrária à visão individualista de Menger.

O subdesenvolvimento consistiria num ambiente social que historicamente inibe a cooperação humana e a inovação, apoiar-se-ia em vínculos hierárquicos localizados e bloquearia a ampliação do círculo de relações sociais em que se movem as pessoas. Por isso o desenvolvimento econômico não residiria em capacidades individuais, mas nas instituições que coordenam a ação dos indivíduos e dos grupos sociais. Essa capacidade de fazer cumprir contratos só poderia ser compreendida como resultado histórico da formação de um certo ambiente institucional. A ênfase está muito menos em atributos universais e imutáveis de indivíduos do que na maneira como estes se adaptam a um conjunto de informações sobre cuja emissão eles não têm qualquer poder. Assim, a sociedade precede o indivíduo.

O segundo tópico apresentado por Abramovay (2001) é a importância das instituições se traduzindo na própria visão de mercado como instituição e não como espaço neutro de encontro de compradores e vendedores. Mercados seriam construções sociais que refletem o ambiente institucional em que se inserem e não simplesmente sistemas universais de formação de preços. Esta introdução da história no cerne da teoria econômica traz conseqüências decisivas à própria maneira como se encaram os processos de mudança social. Segundo ele, a exigência de uma abordagem histórica do processo de desenvolvimento conduz Douglass North a questionar o fundamento básico da própria ciência econômica: o mercado. Os mercados, além de um mecanismo de formação de preços, seriam também estruturas sociais, o que decorreria necessariamente da premissa da racionalidade limitada que norteia o pensamento institucionalista.

Segundo o autor, o importante no trabalho de North é que a informação imperfeita não consiste num distúrbio ocasional que leva este ou aquele agente econômico a tomar uma decisão equivocada, pela qual será punido por meio dos ajustes de preços, não existindo mecanismo auto-corretor da informação imperfeita porque as operações de mercado e os contratos estariam imersos num conjunto de regras, normas e



expectativas que não se alteram ao sabor das oscilações da oferta e da procura. Ou seja, é impossível pensar o sistema econômico na ausência das instituições. Assim, as instituições emergiriam em virtude do caráter limitado da racionalidade.

Desta forma, quando os agentes mudam de opinião e de conduta, essa mudança não pode ser explicada pelo oportunismo que lhes é inerente, mas por surpresas que invalidam as regras de decisão anteriores, ou por acontecimentos que questionam as rotinas existentes ou a legitimidade das regras que as fundamentam. As restrições que moldam as escolhas são, portanto, históricas e não decorrem da natureza dos indivíduos ou dos bens com que se relacionam. A idéia de mercado como processo histórico que reflete poder, estruturas, convicções, normas e controles sociais seria mais importante para o desenvolvimento econômico. Mercados refletem o ambiente institucional em que são formados.

A ciência econômica, que é exposta por Abramovay (2001) na terceira parte do trabalho, adquire uma dimensão indutiva estranha aos modelos convencionais e torna-se avessa às receitas prontas que pudessem nortear transições para situação socialmente mais justas. A universalidade do indivíduo maximizador não seria uma premissa universal dos comportamentos humanos.

De acordo com North, os mercados imperfeitos refletiriam “...as dificuldades de decifrar um ambiente complexo por parte das construções mentais disponíveis – idéias, teorias e ideologias” (North, 2006, p.96). As formas de cooperação humana, como o mercado, envolveriam algum tipo de representação antecipada sobre o comportamento alheio que não se reduziriam aos princípios abstratos do utilitarismo. As mudanças graduais da sociedade seriam compreensíveis nos termos das relações históricas e constituiriam em lenta evolução de restrições formais e informais e de mudanças de capacidades de cumprimentos de acordos.

Os recursos dedutivos da explicação institucionalista são apenas parte de seu corpo metodológico. O caráter histórico e evolutivo do institucionalismo exige igualmente uma dimensão indutiva típica das ciências da vida, da história e da sociologia. Assim a ciência econômica assim como a biologia evolutiva não se apoiaria fundamentalmente na aplicação de leis universais, mas sim na composição de narrativas históricas. Segundo North:

(...) a cada passo ao longo do caminho houve escolhas – políticas e econômicas – que ofereceram alternativas reais. Dependência de caminho é uma via para estreitar conceitualmente o conjunto de escolhas e ligar a tomada de decisão através do tempo. Não é uma história de inevitabilidade na qual o passado quase prediz o futuro (...) a rede de externalidades, o processo de aprendizagem das organizações e a modelagem subjetiva das questões, historicamente derivadas reforçam o curso. (North, 2006, p.99)

De acordo com o autor não haveria receita nem muito menos leis científicas gerais que permitam antever o processo de superação de instituições ineficientes. O importante na contribuição de North seria o caráter necessariamente gradual desta superação. Assim, o trabalho de Abramovay (2001) mostra que a corrente institucionalista rompe com o pensamento neoclássico no aspecto do individualismo metodológico, no conceito de mercado e na utilização de métodos indutivos sendo avessa a receitas prontas e dando importância a explicação histórica na formação das instituições.

## Considerações finais

O trabalho pretendeu fazer uma análise das metodologias defendidas por Schmoller e por Menger para a ciência econômica, identificar as origens e os objetivos da Batalha, além de algumas de suas consequências em relação às influências da Batalha na ciência econômica. Nas considerações finais, procura-se fazer um resumo das principais questões levantadas ao longo do trabalho em relação a esses objetivos.

Schmoller foi influenciado pela Escola Histórica Antiga que já dominava a filosofia da Alemanha na época. Através do trabalho percebe-se que a Escola Histórica teve grande influência política e intelectual na Alemanha no século dezenove dominando a filosofia da época. Em relação à política econômica, a Alemanha do século dezenove foi dominada por uma forte crença no progresso apoiada pela ciência histórica e influenciada pelas idéias de List de nacionalismo, de unificação e de proteção à indústria nascente, além de fazer reformas sociais, como a previdenciária, que teve Schmoller como representante.

A Escola Histórica Alemã conceituava pessoas, eventos, processos e instituições como formas coletivas e sociais únicas, que seriam resultado da história e, a partir daí, faziam interpretações de modo relativo. Assim, ela introduz na economia a concepção da relatividade e representou uma correção do método clássico naquilo que tinha de excessivamente abstrato, perdendo de vista a realidade.

Como representante da Escola Histórica Recente, Schmoller exigia muito mais pesquisa histórica para fundamentar a formulação de teorias econômicas do que a Escola Antiga e rejeitava o método dedutivo para as ciências sociais. Percebe-se também o interesse que ele tinha pela política, através da fundação da *Verein für Socialpolitik*, o que influenciou a sua visão de economia voltada para assuntos práticos da realidade social.

O método defendido por Schmoller para a economia era o de fazer o seu desenvolvimento com base em estudos monográficos históricos. Ele era contra a elaboração de leis gerais defendendo que nenhuma lei social seria válida para todos os períodos históricos. Schmoller também era contrário ao individualismo metodológico

defendendo o enfoque orgânico da economia, cujos elementos seriam influenciados pelo todo constantemente sendo genética e historicamente interdependentes. Essa economia, como um todo, seria derivada da língua, origem, costumes, moral, direito, religião e história da sociedade, desenvolvendo assim idéias e sentimentos uniformes. O método de Schmoller para alcançar o conhecimento verdadeiro seria o de discutir teorias, formuladas pela indução, verificando e eliminando falhas através da análise empírica.

Schmoller também diferenciou o estudo de economia em geral e específico, entretanto, percebe que segundo essa classificação, ele próprio dedicou-se mais ao estudo específico já que teve diversos estudos históricos publicados, mas não chegou a formular uma teoria econômica.

Analisando a vida e obra de Menger é difícil definir quais foram suas influências diretas principalmente porque a Áustria, até então, não tinha grande tradição nas ciências econômicas. Entretanto, percebe-se alguma influência da Escola Histórica Alemã, principalmente porque a Áustria tem uma ligação histórica direta com a Alemanha, além de influência aristotélica com o essencialismo, e também dos economistas clássicos. Menger interessou-se por economia através da carreira jornalística com análises de mercado e do serviço público. Como professor exerceu forte influência no sentido do liberalismo na Áustria. Menger gerou assim idéias originais e seus princípios e objetivos posteriormente influenciaram diversas gerações de austríacos.

Na época, a Alemanha estava totalmente dominada pelas idéias da Escola Histórica e qualquer idéia teórica formulada dedutivamente era rejeitada no meio acadêmico, incluindo as teorias de Menger em seu *Grundsätze*. Isso levou Menger a publicar seu livro sobre metodologia na qual ele critica a base metodológica da Escola Histórica e defende a separação entre a ciência econômica teórica e a aplicada. Com essa sistematização, ele pretende resolver um problema de demarcação da pesquisa dentro da ciência econômica, sistematizando as funções e mecanismos de cada área da economia. A economia aplicada investigaria e descreveria os princípios básicos da economia voltados para a ação, usando a história e a estatística. A economia teórica formularia leis exatas através da dedução com pura lógica, onde pressupostos verdadeiros levam a conclusões verdadeiras, não havendo a necessidade de comprovação empírica. Através da análise de seu trabalho, percebe-se que Menger se ocupou principalmente da economia sob orientação geral teórica.

Nesta obra, Menger também discordava do enfoque orgânico da economia defendendo o individualismo metodológico e considerou a abstração como essencial para a teoria econômica. No mesmo ano da sua publicação, Schmoller fez considerações negativas em relação à obra de Menger, criticando o seu trabalho da mesma forma como criticava as teorias clássicas e não fazendo diferenciações entre eles, pontos que já foram discutidos na Batalha. Isso levou Menger, como consequência final, a publicar *Die Irrtümer*, obra direcionada claramente a Schmoller com tons polêmicos e sarcásticos, como resposta às suas críticas. Nesta obra, Menger, desafia Schmoller a ver o tempo decidir qual dos dois métodos seria o melhor para a ciência econômica.

A Batalha em si causou muito constrangimento e alvoroço para ambas as partes, cada um buscava o seu espaço e reconhecimento dentro da ciência econômica. Como todo o tipo de batalha, esta também exigiu muito desperdício de energia dos envolvidos que, como já foi observado em Schumpeter (1964), poderia ter sido usada de outras formas mais proveitosas. Por outro lado, uma das formas que a ciência avança é, justamente, através da discussão de idéias contrastantes.

Analisando as teorias modernas de Popper e dos Institucionalistas, percebe-se que a polêmica de qual método seria o mais proveitoso, o dedutivo ou o indutivo, não foi solucionada até hoje e observa-se a importância da controvérsia que sobreviveu há mais de um século. Após a batalha, a teoria pura dominou na pesquisa científica através das teorias neoclássicas. Entretanto, atualmente surgiu a corrente Institucionalista defendendo novamente a indução e a análise histórica.

Popper diz que não há nenhum método seguro que possa garantir que o conhecimento falível que temos do mundo real seja positivamente o melhor que podemos possuir dadas as circunstâncias, sendo assim, pode ser considerado apenas uma avaliação provisória.

Em relação à controvérsia existente entre a análise dedutiva e indutiva na ciência econômica, pode ser considerado que ela somente poderia existir se relacionada à importância relativa das análises, já que tanto a análise teórica como a empírica são importantes para a ciência econômica. Conforme vimos até aqui, inclusive nas teorias Institucionalistas, a análise histórica de uma economia também é de grande importância para a ciência econômica. Assim, as análises teóricas e históricas são complementadas entre si.

## Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. Desenvolvimento e Instituições: a importância da explicação histórica. in: ARBIX, G; ZILBOVICIUS, M. & ABRAMOVAY, R.: **Razões e Ficções do Desenvolvimento**.UNESP/EDUSP, 2001.

BIANCHI, Ana Maria. **Questões de método na ciência econômica**. São Paulo: IPE/USP, 1986.

BLAUG, Mark. **A Metodologia da Economia**. Lisboa: Gradiva, 1994, c1980.

BLAUG, Mark. **Economic theory in retrospect**. 2<sup>nd</sup> ed.. Homewood: Irwin, 1968.

BRUE, Stanley L. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo : Thomson, c2005.

CORAZZA, Gentil. **Métodos da Ciência Econômica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

EKELUND, Robert B. Jr. **A history of economic theory and method**. New York: McGraw, 1975.

FEIJÓ, Ricardo. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Atlas, 2001

GENTIL, Corazza. Ciência e Método na História do Pensamento Econômico. **Encontro de Economia da Região Sul**. Curitiba: ANPEC Sul, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia**. São Paulo: Atlas, 1995.

HEILBRONER, Robert L. **A história do pensamento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, c1996.

HUGON, Paul (1986). **História das Doutrinas Econômicas**. São Paulo: Atlas.

HUNT, E.K. **História do pensamento econômico**. Petrópolis: Vozes, 1977.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. Caxias do Sul: Educs/est, 1982

KUHN, Thomas S.. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Imre. **Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

LENZ, Maria Heloisa. A teoria da renda da terra no limiar do pensamento neoclássico. **Ensaio FEE**. Porto Alegre. Vol. 16, n. 1, 1995.

MARIC, Marco. **Die Österreichische Schule als Abdankung des sozialen Gewissens?**. Tübingen, 2006.

MEEK, Ronald L. **Economia e ideologia: o desenvolvimento do pensamento econômico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

MENGER, Carl. **Princípios de Economia Política.** São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MENGER, Carl. **Die Irrthümer des Historismus in der deutschen Nationalökonomie.** Saarbrücken: VDM, Müller, 2007, (Reprint)

NORTH, Douglass Cecil. **Custos de Transação, Instituições e Desempenho Econômico.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 2006, c1994.

NUNES, Manuel Jacinto. **Epistemologia e metodologia econômica.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, tgi, tcc, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira, 1998

OSER, J. & BLANCHFIELD, W. (1963). **História do Pensamento Econômico.** São Paulo: Atlas, 1983.

POPPER, Karl Raimund, Sir. **A miséria do historicismo.** São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1980.

RIMA, Ingrid Hahne. **História do pensamento econômico** São Paulo: Atlas, 1987, c1977.

ROLL, Eric. **Panorama da ciência econômica.** Lisboa: Edições Cosmos, [1950-1951].



SCHMOLLER, Gustav von. **The Mercantile System and its Historical Significance.** English edition, 1897.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teorias Econômicas: de Marx a Keynes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **História da análise econômica.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Fundamentos do pensamento econômico.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968

WENTZEL, Bettina. **Der Methodenstreit.** Frankfurt am Main : Lang, 1999

ZANELLA, Fernando Caputo. **Escola Austríaca de Economia: Teoria e Método.** Porto Alegre, 1993